



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE MUSEOLOGIA

Deuzite Santiago da Cunha

**MUSEU IAIÁ PROCÓPIA: A Museologia como resistência na comunidade Riachão do
Quilombo Kalunga em Monte Alegre de Goiás/GO**

Brasília-DF 2024

Deuzite Santiago da Cunha

MUSEU IAIÁ PROCÓPIA: A Museologia como resistência na comunidade Riachão do Quilombo Kalunga em Monte Alegre de Goiás/GO

Monografia apresentada como requisito básico para obtenção do título de bacharel em Museologia pela Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília.
Orientadora: Prof^ª Dr^ª Deborah Silva Santos

Brasília–DF 2024

C972m	<p>Cunha, Deuzite Santiago da.</p> <p>Museu Iaiá Procópio: a museologia como resistência na comunidade Riachão do Quilombo Kalunga em Monte Alegre de Goiás/GO / Deuzite Santiago da Cunha; orientador Deborah Silva Santos. -- Brasília, 2024.</p> <p>77 p.</p> <p>Monografia (Graduação - Museologia) -- Universidade de Brasília, 2024.</p> <p>1. Museu Iaiá Procópio. 2. Quilombo Kalunga. 3. Quilombolas. 4. Patrimônio. 5. Museu social. I. Silva Santos, Deborah, orient. II. Título.</p>
--------------	--

CIP - Catalogação na Publicação

DEUZITE SANTIAGO DA CUNHA**MUSEU IAIÁ PROCÓPIA: A MUSEOLOGIA COMO RESISTÊNCIA NA
COMUNIDADE RIACHÃO DO QUILOMBO KALUNGA EM MONTE ALEGRE
DE GOIÁS/GO**

Monografia submetida ao corpo docente do Curso de Graduação em Museologia, da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília - UnB, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Museologia.

Aprovado por:

Deborah Silva Santos

Professora de Magistério Superior na Universidade de Brasília (UnB)

Doutora em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT)

Clovis Carvalho Britto

Professor de Magistério Superior na Universidade de Brasília (UnB)

Doutor em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia (UHLT)

Marijara Souza Queiroz

Professora de Magistério Superior na Universidade de Brasília (UnB)

Doutora em Artes pela Universidade de Brasília (UnB)



Documento assinado eletronicamente por **Deborah Silva Santos, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 14/09/2024, às 11:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Clovis Carvalho Britto, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 14/09/2024, às 11:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Marijara Souza Queiroz, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 14/09/2024, às 12:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unb.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **11627784** e o código CRC **170C0F85**.

Referência: Processo nº 23106.077596/2024-39

SEI nº 11627784

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro - Gleba A, , Brasília/DF, CEP 70910-900
Telefone: e Fax: @fax_unidade@ - <http://www.unb.br>

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a todos do quilombo Kalunga, aos mais velhos, aos que vieram antes de mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha comunidade, especialmente a todos os que vieram antes de mim, aos que não estão entre nós, que lutaram para que esse momento fosse possível, esse trabalho é nosso, Kalunga. Aos meus pais, Deuzinha da Silva Santiago e Francelino da Silva Santiago. Principalmente a minha mãe, pois foi graças às suas lutas diárias que tive oportunidade de ver como é a realidade. E o privilégio de ingressar em uma universidade pública de qualidade. Minha querida mãezinha, que sempre fez de tudo por mim, meu maior apoio que já tive e tenho na vida, sem ela, seria infinitamente mais dolorosa essa conquista é nossa.

Agradeço aos meus irmãos, Deusineia Santiago da Cunha, Deusivania Santiago da Cunha e Neimar Santiago da Cunha, que sempre vibraram por mim, e me apoiaram quando eu mais precisei nesse processo. Os meus mais sinceros agradecimentos, que ficaram tensos junto comigo no dia do vestibular, pularam e gritaram no dia que saiu a primeira chamada e o meu nome estava lá, e hoje continuam vibrando comigo. Serei eternamente grata, pela minha família de sangue ser a família que também escolho todos os dias, é incrível compartilhar a vida com vocês.

Aos meus amigos da graduação e da vida, Selma Ramos, que conheci do ensino médio e seguimos compartilhando a vida, Luís Henrique Belém, que conheci na graduação e foi amor à segunda vista, hoje como mulher adulta concordo que família é quem escolhemos, e os meus amigos, fazem parte da minha grande família. Ao Gabriel Dourado e Nayara Thais, que foram as pessoas mais próximas a mim durante a graduação. Tamires dos Anjos agradeço imensamente pelos momentos maravilhosos que compartilhamos juntas na UnB, obrigada por cada almoço que compartilhamos juntas no Restaurante Universitário, muitas risadas, fofocas e nó na garganta. Agradeço a Areta Souza, por cada incentivo, por me impulsionar. Expresso a minha profunda gratidão ao Matheus Felipe. Foi através do cursinho social “Educação” um pré-vestibular gratuito oferecido por graduandos da UnB para apoiar estudantes de baixa renda que tive a sorte de contar com suas aulas durante minha preparação para o vestibular. A dedicação e o carinho que ele demonstra ao ensinar são inspiradores. Não consigo encontrar palavras que transmitam toda a minha admiração por seu comprometimento. A Secretaria de Educação certamente ganhou um profissional excepcional.

Ao meu namorado e melhor amigo, João Cláudio Oliveira Magalhães, que me deu apoio emocional incondicional, sempre me apoiou em tudo que precisei. Aos meus professores da graduação como um todo, pois foram fundamentais para que eu me tornaria uma futura museóloga, qualificada e comprometida com a profissão.

Especialmente à minha orientadora, professora Deborah Santos, sabemos que não foi nada fácil, obrigada professora Deborah, por cada palavra de incentivo, por repetir inúmeras vezes que

eu sou, sim, capaz, me ensinou tanto e foi uma peça fundamental para meu crescimento acadêmico e profissional, tenho muita gratidão por isso. Agradeço ao Cleisson Damasceno, que me incentivou e me ajudou a ter muito mais foco através da prática de exercício físico, viva aos profissionais da educação física, vocês são essenciais para o nosso bem-estar.

Por fim, agradeço a minha universidade querida, local onde eu pude crescer e construir laços, e a partir da minha inserção nela eu pude entender a sua tamanha importância na vida de quem sempre sonhou ocupar esse espaço. Esses são agradecimentos de quem vai lutar sempre por uma “educação pública, gratuita e de qualidade” para as próximas gerações, em especial, para pretos e quilombolas.

RESUMO

O presente estudo tem como objeto o Museu Iaiá Procópio localizado na comunidade Kalunga - Riachão no Município de Monte Alegre/GO. A Sra. Iaiá Procópio será destacada neste estudo por ser uma pessoa que revela a sua vivência e experiência na construção do seu próprio museu dentro das terras quilombolas e que foi a inspiração para este estudo. O objetivo do estudo é investigar o Museu Iaiá Procópio diante do papel de preservação da memória e resistência quilombola da comunidade Kalunga - Riachão em Monte Alegre/GO. A Metodologia abrange a pesquisa bibliográfica descritiva na qual foi feita a observação participante. As considerações finais mostram que o Museu Iaiá Procópio leva ao convite de reflexão à cultura negra que é repleta de significados. O Museu social resistente, a raiz deixada de geração a geração. A visita ao Museu Iaiá Procópio contribuiu para a percepção de um olhar diferente acerca do pensar de como deve ser um museu e à reflexão de apreciação crítica no que diz respeito aos papéis de protagonistas daqueles sujeitos inseridos na história de luta do seu povo e resistência.

Palavras-Chave: Museu Iaiá Procópio. Quilombo Kalunga. Quilombolas. Patrimônio. Museu social.

ABSTRACT

The present study has as its object the Iaiá Procópia Museum located in the Kalunga-Riachão community in the Municipality of Monte Alegre/GO. Mrs. Iaiá Procópia will be highlighted in this study for being a person who reveals her experience and experience in building her own museum within quilombola lands and who was the inspiration for this study. The objective of the study is to investigate the Iaiá Procópia Museum in view of its role in preserving the memory and quilombola resistance of the Kalunga - Riachão community in Monte Alegre/GO. The Methodology covers descriptive bibliographic research in which participant observation was carried out. The final considerations show that the Iaiá Procópia Museum invites reflection on black culture, which is full of meanings. The Museum of resistant social, the root left from generation to generation. The visit to the Iaiá Procópia Museum contributed to the perception of a different perspective on thinking about what a museum should be like and to the reflection of critical appreciation regarding the protagonist roles of those subjects inserted in the history of their people's struggle and resistance.

Keywords: Iaiá Procópia Museum. Quilombo Kalunga. Quilombolas. Heritage. Social museum.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Reza do povo quilombola	28
Figura 2: População no último censo 2022	44
Figura 3: Comunidade Riachão (museu Procópia)	46
Figura 4: Casa de Iaiá Procópia	48
Figura 5: Deuzite e Iaiá cumprimento	48
Figura 6: Dança Sussa	49
Figura 7: Batendo Tambor	49
Figura 8: Casa de Iaiá Procópia	50
Figura 9: Deuzite e Iaiá cumprimento	51
Figura 10: Deuzite e Iaiá no Museu	53
Figura 11: Museu Iaiá Procópia	54
Figura 12: Entrada do Museu Iaiá Procópia	58
Figura 13: Parte interna do museu com a exposição	59
Figura 14: Painéis de barro	59
Figura 15: Chaleira de Ferro	60
Figura 16: Ferro de passar roupa (a carvão)	60
Figura 17: Botija com coração	61
Figura 18: Xícara de barro	61
Figura 19: Botija para tirar água com copo	61
Figura 20: Painel de barro	61
Figura 21: Jacá	62
Figura 22: Prato e pires	62
Figura 23: Cuiá de barro	62
Figura 24: Caneca de barro	62
Figura 25: Parte interna do museu	63
Figura 26: Estudantes e crianças ouvindo as explicações da Lourdes	65
Figura 27: Lourdes (neta da Iaiá)	65
Figura 28: Os universitários presentes na visita ao Museu	68

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	5
AGRADECIMENTOS.....	6
RESUMO.....	8
ABSTRACT.....	9
1. INTRODUÇÃO.....	12
1.1 Contextualização da pesquisa.....	12
1.2 Objetivos.....	16
1.2.1 Geral.....	16
1.2.2. Específicos.....	16
1.3 Justificativa.....	16
1.4 Metodologia.....	17
1.4.1 Instrumento de pesquisa.....	17
1.3 Estruturação da Investigação.....	18
1.4 Quadro síntese.....	20
CAPÍTULO I: RESISTÊNCIA CULTURAL E IDENTIDADE QUILOMBOLA.....	23
Características culturais e sociais das comunidades quilombolas contemporâneas.....	26
CAPÍTULO II: O PAPEL DOS MUSEUS NA PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA E RESISTÊNCIA QUILOMBOLA.....	33
Os museus como espaços de preservação cultural.....	33
Papel dos museus na representação negra e da cultura quilombola.....	37
CAPÍTULO 3 - MUSEOLOGIA COMO RESISTÊNCIA NO MUSEU IAIÁ PROCÓPIA.....	41
História e contexto da Comunidade Kalunga Riachão.....	41
Iaiá Procópia na resistência e promoção da identidade Quilombola Kalunga.....	50
Museu Quilombola Iaiá Procópia como espaço de representação da cultura quilombola.....	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	72

1. INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização da pesquisa

A presente monografia tem por objetivo geral apresentar o Museu Iaiá Procópio como espaço de preservação da memória e resistência quilombola da comunidade Kalunga - Riachão em Monte Alegre/GO.

O Território Quilombola Kalunga está localizado na região nordeste do Estado de Goiás, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o território possui aproximadamente 262 mil hectares, dos quais apenas 34 mil estão titulados (Fiocruz, 2023). De acordo com o censo de 2022 são 3.602 pessoas no território e 1.850 famílias (IBGE, 2022). O território Kalunga compreende os municípios de Cavalcante, Monte Alegre e Teresina de Goiás. Há 39 comunidades, sendo quatro núcleos principais: Contenda, Vão de Almas, Vão do Moleque e Ribeirão de Bois. Esses núcleos são formados por pequenos povoados como Engenho, Diadema, Riachão, Ema, dentre outros (Mapa de Conflitos, 2023).

Na língua banto, Kalunga significa lugar sagrado, de proteção. Segundo Baiocchi apud Souza (2014, p.15), o termo Kalunga tem um significado que envolve o sentimento de território, sendo considerado um lugar sagrado, assim como a Simaba Ferrugínea que é uma planta que nunca seca e representa o poder e a ancestralidade.

Para Costa (2013), a historiografia brasileira registra que quilombo é um conceito próprio dos africanos bantos, o qual tem sido modificado através dos séculos. Siqueira (2021), aponta que das pesquisas realizadas para definição de Quilombo é possível depreender cinco características, que sempre estiveram presentes na definição, sendo: “fuga”; quantidade mínima de “fugidos” definida com exatidão; localização marcada por isolamento relativo, isto é, em “parte despovoada”; moradia consolidada ou não; capacidade de consumo traduzida pelos “pilões” ou pela reprodução simples que explicitaria uma condição de marginal aos circuitos de mercado. Ainda, destaca que as repressões impostas a essas comunidades fizeram com que se desenhassem processos diferenciados de territorialização.

No que se refere a formação do Território Kalunga, a história não é diferente, as terras foram ocupadas por africanos que fugiram da escravidão das minas de ouro e se aquilombaram em nas regiões mais remotas e de difícil acesso, no Estado de Goiás (Almeida, 2015).

Na língua banto, Kalunga significa lugar sagrado, de proteção. Segundo Baiocchi apud Souza (2014, p.15), o termo Kalunga tem um significado que envolve o sentimento de território, sendo considerado um lugar sagrado, assim como a Simaba Ferrugínea que é uma planta que nunca seca e representa o poder e a ancestralidade.

A narrativa presente no Brasil vincula a história do quilombo apenas ao período da escravidão. Entretanto, como afirma Gomes (2019), os quilombos não são meras reações ao regime de escravização, mas uma das expressões da luta negra por direitos no regime escravista e no pós-abolição. Nesse contexto, o Museu se apresenta enquanto uma ferramenta de luta para preservar as memórias silenciadas pela narrativa oficial colonizadora.

O Museu foco deste estudo chama-se “Iaiá Procópio” e está na comunidade Kalunga Riachão. Ele foi idealizado e implementado pela Liderança Procópio dos Santos Rosa, juntamente com sua neta, a professora e poeta Lourdes Fernandes de Souza. Conhecida por Iaiá¹ Procópio, ela é considerada a matriarca do povo Kalunga, pois nasceu na comunidade em 10 de fevereiro de 1933, e até os dias atuais, com 90 anos, permanece em seu território. Em 2005, foi indicada ao Prêmio Nobel por sua luta em defesa do território Kalunga.

O patrimônio e memória que estão preservados no Museu foram constituídos a partir da percepção da fundadora, é uma pessoa de pensamento museológico acreditando que pode, ainda em vida, ser homenageada e ver preservada sua história e memória. O Museu é um espaço cultural, político e identitário, abrigando documentos e fotos da idealizadora, bem como artesanatos que contam a história e registram a memória da comunidade.

Em entrevista, concedida no dia da inauguração do Museu, em 7 de dezembro de 2019, Iaiá Procópio verbalizou o sentimento em relação à criação do espaço: “Eu sempre escutei que museu é onde se guarda coisa de morto. Pois o meu eu quero em vida, com tudo organizado do meu próprio gosto e jeito” (Weiss, 2020). Nesse sentido, para se construir uma narrativa fez-se necessário a realização de pesquisas que fundamentassem a fala da anciã, o que para Britto (2019) é preciso reconhecer a existência poética interligada com a criatividade.

¹ Tratamento usado na época da escravidão dado às moças, meninas e senhoras. Na comunidade Kalunga usa-se o termo como tratamento de chamar a avó

Para Nascimento (2021), ao realizar uma pesquisa engajada nesta área, demonstra que as subjetividades precisam estar presentes nas pesquisas, assim como as autorias, pois a disputa na academia e no campo dos museus precisam de mais narrativas da população negra feita por ela mesma, “é tempo de falarmos de nós mesmos. Não como ‘contribuintes’ nem como vítimas de uma formação histórico-social, mas como participantes dessa formação” (Nascimento, 2021, p.53). Desta forma, o presente estudo é fruto da pesquisa realizada no Museu Iaiá Procópio, na comunidade Kalunga Riachão, no qual buscou compreender como se dá a participação do povo quilombola na formação histórico-social do museu Iaiá Procópio.

A singularidade da pesquisa realizada advém do meu lugar de fala e pertencimento, sou quilombola da comunidade Saco Grande, do Território Kalunga, vim ao mundo pelas mãos de uma parteira, embaixo de um pé de araquá, árvore cujas folhas são utilizadas por nossos ancestrais para purificar nossa cabeça e corpo. E com as bênçãos e os olhares da ancestralidade Kalunga fiz do meu corpo-território, uma oportunidade de contar a história e memória daqueles que ousaram conquistar a liberdade e se opuseram a condição de escravizados para se tornarem Quilombolas Kalungas. O Museu Iaiá Procópio é um lugar sagrado para o povo quilombola, pois nele nos conectamos e nos encontramos com nossa história.

O estudo sobre o Museu Iaiá Procópio, tem relevância histórica e pessoal que justificam a eleição dele para orientar a realização da pesquisa, ou seja, a delimitação do objeto, metodologia e a base teórica. Ao eleger o Museu Iaiá Procópio como objeto de estudo, pretende fortalecer a importância que os museus têm de preservar a memória de um povo e sua identidade. Ainda, trazendo para a realidade quilombola, a necessidade de evitar os silenciamentos e apagamentos da história sobre a resistência e existência das nossas comunidades. Como o eterno Mestre Nêgo (2015) disse: “nós temos começo, meio e começo!”

A contextualização do objeto foi embasado em autores como Almeida (2011) que aborda os Quilombos e as novas etnias, que contribuíram com conceitos relativos à temática. A Constituição Federal de 1988 que aborda em seu artigo 6º, sobre os direitos sociais, ainda na referida CF/1988 que fala sobre a convenção 169 da OIT e também o Decreto nº. 4.887/2003 – o qual menciona e regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das

Disposições Constitucionais Transitórias.

Queiroz et al (2007) que traz a metodologia da Observação participante na pesquisa qualitativa, a qual eu escolho e sou inserida neste estudo. Clóvis Britto (2019) que contribuiu com seus estudos sobre a poética de Manoel de Barros e os lugares epistêmicos das museologias indisciplinadas no Brasil, utilizado como referência na museologia social, pois é nestes conceitos que penso ser possível identificar o Museu Iaiá.

Chagas (2006) que mostrou sobre a ótica museológica de Mário de Andrade, o qual contribuiu o pensamento museológico. Fiabani (2008) que relata sobre os quilombos na luta pela terra e afirmação étnica no Brasil, que remete aos pensamentos do meu povo. Gomes (2019) que especifica sobre o Constitucionalismo e quilombos: famílias negras no enfrentamento ao racismo de Estado, racismo vivido até os tempos atuais.

As informações do IBGE (2022) que retratam a cidade de Monte Alegre de Goiás/Go em mapa e cidades vizinhas. Lima (2012) com suas observações sobre a identidade territorial Kalunga e perspectivas para o desenvolvimento do turismo nas comunidades Diadema e Ribeirão. A plataforma Mapa de Conflitos (2023) da Fundação Oswaldo Cruz que aborda acerca da Injustiça Ambiental e saúde no Brasil. Martins (2021) que conta sobre a História pública de resistência quilombola: conexões e potencialidades do museu virtual em 3D do Quilombo do Cabula aplicado ao ensino de História.

Munanga (2004) que relata a História do Negro no Brasil; Nascimento (2014,2021) que conceitua o quilombo, a resistência cultural negra e trata a história feita por mãos negras: as relações raciais, a historia dos quilombos e dos movimentos sociais. E no filme Ôrí (1989) mostrando em vídeo os intérpretes negros.

Reis (1996) o qual menciona sua obra sobre os Quilombos e revoltas escravas no Brasil “Nos achamos em campo a tratar da liberdade” (Reis,1996). Santos (2015) que trata sobre a Invasão e colonização. Santos (2021) que expõem acerca do Espaço de Memória Quilombo Mesquita. Siqueira (2021) que menciona sobre os conflitos fundiários e as repercussões na saúde das lideranças Quilombolas. Souza (2014) que escreve sobre as Memórias de Procópio dos Santos Rosa da Comunidade Kalunga-Riachão Monte Alegre – GO. Souza (2008) sobre Aquilombar-se Panorama histórico e Político do Movimento Quilombola brasileiro e Weiss que sintetiza sobre o Museu Iaiá Procópio:

tesouro Kalunga na comunidade do Riachão.

1.2 Objetivos

1.2.1 Geral

Investigar o Museu Iaiá Procópio e o papel na preservação da memória e resistência da comunidade Quilombola Kalunga - Riachão em Monte Alegre/GO.

1.2.2. Específicos

- Identificar o modo de resistência cultural e de identidade quilombola;
- Mostrar o papel do museu na preservação da memória e resistência quilombola;
- Apresentar o Museu “Iaiá Procópio”, patrimônio, memória e museologia a partir da percepção da fundadora Procópio Santos Rosa.

1.3 Justificativa

A primeira motivação para escolha do tema se deu pela autora almeja mostrar a importância pessoal que o lugar tem para ela, que é quilombola, nascida, criada e moradora do Quilombo Kalunga. Isso trouxe a lembrança e o interesse, pois desde criança via o respeito que se tinha pela Iaiá Procópio e o zelo que ela tinha e tem com os itens que agora pertencem ao museu e, achava interessantes as peças artesanais.

A segunda motivação se deu pela relação afetiva profunda que a autora tem pelo lugar, que traz lembranças que a fizeram trilhar pelo curso de graduação em museologia.

E por fim, a inauguração do Museu Iaiá Procópio no Quilombo, trouxe a necessidade de analisar a representação negra e ancestral dentro do campo das artes e da cultura produzida e preservada pela comunidade quilombola e revelar a história, e a herança de um povo que lutou e, permanece na luta pela sobrevivência no território que criou raízes e quer que se perpetue para as futuras gerações.

Sua existência desperta interesses, vide a troca de ideias com a professora Marijara que a motivou a concretizar uma visita ao Museu Iaiá Procópio que ocorreu em maio de 2023 com trinta (30) estudantes de cursos variados da UnB e mais três professores do Curso de Museologia.

A visita ao Museu Kalunga e a comunidade Riachão em Monte Alegre/GO foi propícia para o conhecimento dos alunos e, principalmente, em despertar o meu orgulho em ser parte atuante desta história e poder narrar no Trabalho de Conclusão do Curso

(TCC) de Museologia da Universidade de Brasília - UnB.

1.4 Metodologia

1.4.1 Instrumento de pesquisa

A metodologia refere-se ao caminho percorrido para atingir os objetivos determinados pela pesquisa. Utilizou-se, inicialmente, a pesquisa bibliográfica descritiva, na qual se buscou fundamentação em livros, artigos de cunho histórico científico para contextualizar as comunidades quilombolas na História de Monte Alegre de Goiás/GO. Para Cervo, Bervian e da Silva (2007, p.61), a pesquisa bibliográfica “constitui o procedimento básico para os estudos monográficos, pelos quais se busca o domínio do estado da arte sobre determinado tema”.

Acerca da pesquisa descritiva, segundo Barros e Lehfeld (2000, p.71) é por meio de pesquisas descritivas que se consegue descobrir com que frequência um fenômeno ocorre, sua natureza, suas características, causas, relações e conexões com outros fenômenos, descrevendo também características, propriedades ou relações existentes em determinada comunidade, grupo ou realidade pesquisada.

Esta pesquisa também colaborou com a análise e definição da teoria museológica em que a autora pôde enquadrar um museu em tela. A pesquisa abrangeu o período de abril a outubro de 2023.

No decorrer do estudo foram se construindo os instrumentos de pesquisas. Foram feitas três visitas individuais entre 2020 e 2022 e uma visita técnica com a orientadora, colegas de cursos/departamento e professores da Faculdade da Ciência da Informação que ocorreu em março de 2023 ao Museu Iaiá Procópio foram realizadas coleta e levantamento de dados nos quais foram utilizados no relatório de observação participante no qual expressaram o olhar, ver, sentir e voltar a memória de tempos de criança.

A atitude de observar constitui-se em um dos meios mais frequentemente utilizados para poder conhecer e compreender as coisas, acontecimentos e situações. O ato de observar aplica-se aos sentidos a fim de se obter determinada informação sobre algum aspecto real. É no universo científico que a observação participante se faz evidente, tal técnica modifica a ação do pesquisador o qual integra o grupo que vivencia a realidade social (Queiroz et al, 2007). Assim,

A observação participante consiste na inserção do pesquisador no interior do grupo observado, tornando-se parte dele, interagindo com os sujeitos,

partilhando o cotidiano sentindo o significado da situação. Tem-se neste tipo de observação a oportunidade de unir o objeto ao seu contexto, contrapondo-se ao princípio de isolamento no qual fomos formados (Queiroz et al, 2007, p. 279).

A pesquisa participante valoriza a interação social, é capaz de produzir linguagem, cultura, regras e assim o efeito é ao mesmo tempo, a causa e integra o observador à sua observação, e o conhecedor ao seu conhecimento. Utilizou-se do instrumento de observação participante, possibilitando a preparação de relatórios de observação, com o intuito investigar como se dão as particularidades do museu, havendo assim maior flexibilidade da pesquisadora em relação a visualizar e relatar sobre o objeto de estudo. Foram registradas na pesquisa fotografias, anotações sobre as características peculiares, como a casa onde está estabelecido museu, o artesanato exposto no local, as danças originárias, as rezas, dentre outros.

1.3 Estruturação da Investigação

Assim, no CAPÍTULO 1: Resistência Cultural E Identidade Quilombola destaca-se no item 1, cujo objetivo é tratar sobre as origens e histórico das comunidades quilombolas no Brasil e a construção da identidade quilombola e resistência cultural brasileira, apresentando as características culturais e sociais das comunidades quilombolas contemporâneas e manifestações culturais quilombolas como forma de resistência. No item 1.2 traz as Características culturais e sociais das comunidades quilombolas contemporâneas, mostrando as definições do povo Quilombola, os processos memoriais, culturais, sociais e históricos, construindo e reproduzindo histórias, conceitua-se Quilombo contemporâneo, crença, resistência, diversidades, tradições e saberes. Traz-se também a importância da resistência cultural para as comunidades quilombolas Manifestações culturais quilombolas como forma de resistência, a africanidade que tem sido aniquilado em suas tradições, a luta, resistência negra, a Convenção 169/1989 que introduz o conceito de terra/território étnico, o que as Comunidades Quilombolas precisam enfrentar, os direitos fundamentais constantes no Ato das Disposições Constitucionais Transitórias - ADCT no artigo 68, conflitos territoriais, a repressão, a complexidade do território do Quilombola e por fim as experiências de mulheres negras no Brasil.

No segundo capítulo descreve-se sobre o papel dos museus na preservação da memória e resistência quilombola onde será descrito inicialmente sobre a evolução dos museus como espaços de preservação cultural, onde será visto que os museus eram conservadores, com registros de memórias predominantemente da classe dominante que

tinham visões hegemônicas e como isso mudou propiciando a ressignificação dos outros. Os museus passaram assim a ser mais significativos. Investigaram-se os paradigmas no campo das Museologias, as expressões de museologia social, comunitários, os limites da museologia tradicional, e a museologia de resistência e o Museu Iaiá Procópio com seu espaço atual e cultural. Foi tratado também do museu. Museologia e sua relevância na sociedade brasileira, locais onde estão presentes, a contribuição de provocações para o deslimite e o museu social como paradigma agregador de propostas indisciplinadas. Por fim, falar-se-á acerca do papel dos museus na preservação da memória e resistência quilombola, um território que simboliza a pertença.

No terceiro e último capítulo será descrito o Museu Iaiá Procópio: A resistência da museologia na Comunidade Riachão do Quilombo Kalunga. A história e contexto da comunidade quilombola Riachão, Iaiá Procópio na resistência e promoção da identidade quilombola e a apresentação do Museu Quilombola Iaiá Procópio como espaço de representação da cultura quilombola. A importância da preservação da memória coletiva, a representação em épocas diferentes, a relevância da memória individual e coletiva, a preservação e difusão do patrimônio e a pessoa que narra com a função de transmissor

1.4 Quadro síntese.

CAPÍTULO I – RESISTÊNCIA CULTURAIS E IDENTIDADE QUILOMBOLA

Tópicos	Conteúdo	Conceitos	Questões e Hipóteses	Referência Bibliográfica
<p>Espaço Temporal:</p> <p>RESISTÊNCIA CULTURAL E IDENTIDADE QUILOMBOLA</p> <p>1.1. Origens e histórico das comunidades quilombolas e construção da identidade quilombola</p> <p>1.2 Características culturais e sociais das comunidades quilombolas contemporâneas</p> <p>1.3. A importância da resistência cultural para as comunidades quilombolas Manifestações culturais quilombolas como forma de</p>	<p>Definição e aspectos históricos sobre Quilombo</p> <p>A cultura Quilombola contemporânea</p> <p>A resistência cultural Quilombola e as manifestações culturais</p>	<p>Quilombo</p> <p>Comunidade Quilombola</p> <p>Cultura Quilombola</p> <p>Resistência e Manifestações</p>	<p>Como é a cultura Quilombola no Brasil e no Quilombo Kalunga?</p> <p>Como se construiu a cultura quilombola contemporânea?</p> <p>Qual o papel do Quilombo na comunidade Kalunga?</p>	<p>SIQUEIRA (2021)</p> <p>DECRETO Nº. 4.887/2003</p> <p>CONVENÇÃO 169/1989</p> <p>BAIOCHI (1999)</p> <p>MARTINS E MATTA (2021)</p> <p>MUNANGA (2004)</p> <p>REIS (1996)</p> <p>NASCIMENTO (2014)</p> <p>NASCIMENTO (2021)</p> <p>SOUZA (2014)</p> <p>ALMEIDA (2011)</p> <p>CRUZ (1993)</p> <p>FIABANI (2008)</p> <p>GOMES (2019).</p> <p>SANTOS (2021)</p>

resistência				
-------------	--	--	--	--

Capítulo II - O PAPEL DOS MUSEUS NA PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA E RESISTÊNCIA QUILOMBOLA

Tópicos	Conteúdo	Conceitos	Questões e Hipóteses	Referência Bibliográfica
<p>2.1 Evolução dos museus como espaços de preservação cultura</p> <p>2.2 MUSEU, Museologia e sua relevância na Sociedade brasileira</p> <p>2.3 Papel dos museus na representação da cultura quilombola</p>	<p>O papel dos museus na preservação da memória e resistência Quilombola</p> <p>Museu e Museologia no Brasil</p> <p>Invisibilidade negra e os museus sociais</p>	<p>Museu</p> <p>Museologia tradicional</p> <p>Museologia social</p> <p>Identidade Cultural</p>	<p>Como definir o papel dos museus na preservação da memória coletiva</p> <p>a museologia na preservação da memória dos povos marginalizados</p>	<p>FREITAS (2016)</p> <p>BRITTO (2019)</p> <p>CHAGAS (2017)</p> <p>REIS (2003)</p> <p>CHAGAS E STORINO (2007)</p> <p>SANTOS (2021)</p>

Capítulo III - MUSEU IAIÁ PROCÓPIA: A resistência da museologia no Quilombo Kalunga na comunidade Riachão–GO

Tópicos	Conteúdo	Conceitos	Questões e Hipóteses	Referência Bibliográfica
<p>3.1 História e contexto da comunidade quilombola Riachão</p> <p>3.2. Iaiá Procópia na resistência e promoção da identidade quilombola</p> <p>3.3. Museu Quilombola Iaiá Procópia como espaço de representação da cultura quilombola</p>	<p>Comunidade</p> <p>Quilombola Riachão</p> <p>A resistência e a promoção da identidade quilombola</p> <p>O Museu como espaço cultural local</p>	<p>Cultura Quilombola</p> <p>Identidade Quilombola</p>	<p>Como foram construídas as relações entre o museu e o quilombo Kalunga?</p> <p>Como se dá a luta pela comunidade quilombola local?</p> <hr/> <p>Musealização com equidade de raça e gênero?</p>	<p>OLIVEIRA E SILVA (2017) CHAGAS (2006)</p> <p>ANDRÉ (2008)</p> <hr/> <p>BARROS (2019)</p> <p>BRITTO (2019)</p> <p>SOUZA (2014)</p> <p>CENSO (2022)</p> <p>IBGE (2022)</p> <p>INCRA (2017)</p> <p>BRASIL (2003).</p> <p>GOOGLE MAPS (2023)</p> <p>IPHAN (2013)</p> <p>BAIOCCHI (1999)</p> <p>HALL (2006)</p> <p>FERNANDES (2015)</p>

CAPÍTULO I: RESISTÊNCIA CULTURAL E IDENTIDADE QUILOMBOLA

Os quilombolas são os habitantes dos Quilombos, comunidades constituídas por africanos e afro-brasileiros que enfrentaram, resistiram resistidamente e conseguiram sobreviver à margem do sistema colonial (Baiocchi, 1999). Segundo Baiocchi (1999) os Quilombos são formações existentes desde o período escravocrata e identificados por toda a América Latina e, que somente na atualidade conseguiram assegurar alguns direitos na Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT) mas que ainda precisam ter maiores direitos aprovados.

Da mesma forma, Siqueira (2021, p.27) expõe acerca das comunidades Quilombolas, que a "primeira Comunidade titulada do país foi a Comunidade Quilombola Boa Vista, do Município de Oriximiná, no interior do Pará, em 20 de novembro de 1995, sete anos após o art. 68 ADCT²". No ano de 2009 foi titulado o primeiro Quilombo urbano, o Quilombo Família Silva, localizado no bairro Três Figueiras, em área nobre da cidade de Porto Alegre/RS. Afirma ainda a autora que no ano de 2003, por meio do Decreto n.º. 4.887/2003, regulamentou-se o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas pelas Comunidades Quilombolas, de que tratam o art. 68 ADCT. Assim, desde então, cerca de 80% das Comunidades reconhecidas foram identificadas, menciona-se também que é competência da Fundação Cultural Palmares³, conforme o § 4º do art. 3º do Decreto n. 4.887/2003 a emissão de certidão às Comunidades Quilombolas e sua inscrição em cadastro geral, bem como, de acordo com o art. 5º do referido Decreto, assistir e acompanhar o Ministério do Desenvolvimento Agrário e o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA⁴ nas ações de regularização fundiária, assim como subsidiar os trabalhos técnicos quando houver contestação ao procedimento de identificação e reconhecimento previsto no referido Decreto.

[...]

§ 4º A autodefinição de que trata o § 1o do art. 2o deste Decreto será inscrita no Cadastro Geral junto à Fundação Cultural Palmares, que expedirá certidão respectiva na forma do regulamento.

[...]

Art. 5º Compete ao Ministério da Cultura, por meio da Fundação Cultural Palmares, assistir e acompanhar o Ministério do Desenvolvimento Agrário e o INCRA nas ações de regularização fundiária, para garantir a preservação da

² Ato das Disposições Constitucionais Transitórias – ADCT. Disponível em: < <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/conadc/1988/constituicao.adct-1988-5-outubro-1988-322234-norma-actualizada-pl.pdf>> Acesso em: nov 2023.

³ Fundação Cultural Palmares. Disponível em: < <https://www.gov.br/palmares/pt-br>> Acesso em: nov 2023.

⁴ Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Disponível em:

<<https://www.gov.br/pt-br/orgaos/instituto-nacional-de-colonizacao-e-reforma->> Acesso em: nov 2023

identidade cultural dos remanescentes das comunidades dos quilombos, bem como para subsidiar os trabalhos técnicos quando houver contestação ao procedimento de identificação e reconhecimento previsto neste Decreto.

O processo de certificação é estabelecido, respeitando o direito à autodefinição preconizado pela Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), que certifica aquelas Comunidades que assim se declaram (BRASIL, 2003)⁵.

Vê-se que a autodefinição é inscrita pela Fundação Cultural Palmares que regulamenta tal ato, sendo de competência do Ministério da Cultura a continuação às ações. Assim, após realizar o levantamento de pesquisa bibliográfica sobre Quilombo, com o intuito de aproximação ao tema a ser estudado, encontrou-se como referência a autora Beatriz Nascimento (2021) que menciona ser o Quilombo a representação de uma postura de preservação e sobrevivência no sentido histórico, “como um assentamento e organização social que cria uma nova ordem interna e estrutural” (Nascimento, 2021, p. 139). Os quilombos para a autora não eram somente espaços para se reunir grupos para fugir, mas também de presença de indígenas e caucasianos que participaram de lutas em vários aspectos contra a opressão do colonialismo patriarcal. Um dos argumentos centrais das últimas pesquisas de Beatriz buscava dar continuidade histórica ao Quilombo.

Martins e Matta (2021) dialogam com as ideias de Nascimento (2021) e consideram ser o Quilombo uma organização social:

Entende-se por Quilombos os ajuntamentos que continham negros fugidos do sistema escravista (base estrutural socioeconômica do Brasil colonial). Tal compreensão é mais complexa do que considerá-los como comunidades compostas apenas por negros fugitivos, pois a historiografia apresenta inúmeros casos de arraiais com residências de libertos, presença de desertores militares, indígenas e até de brancos pobres que, por acolherem negros fugidos, foram chamados de Quilombos por senhores e autoridades dos períodos Colonial e Imperial [...] (Martins, Matta, 2021, p. 135-136).

Munanga (2004, p. 62) afirma que “Quilombo tem etimologia no idioma quimbundo” e complementa citando Reis (1996, p. 16) que diz ser a palavra derivativa de *kilombo* “sociedade iniciática de jovens guerreiras *mbundu* adotada pelos invasores *jaga ou imbangala*, estes formados por gente de grupos étnicos desenraizada de suas comunidades” Siqueira (2021, p. 17) cita Nascimento (2014) para caracterizar o Quilombo como sendo

uma instituição africana, de origem angolana, sendo de fundamental importância

⁵ BRASIL. DECRETO Nº. 4.887/2003 - **Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias.** Disponível em:

<https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm> Acesso em: 05 nov. 2023.

sua correlação para se compreender que o Quilombo não se trata de uma definição descontextualizada, mas que também faz parte da pré-diáspora, em que o Africano foi forçado a fazer, o que sustenta a hipótese da anterioridade histórica do Quilombo, como forma de organização política de resistência pré-diaspórica (Siqueira, 2021, p. 17).

Desta forma, o Quilombo constitui-se, para Souza (2014) um símbolo de luta dos negros brasileiros, onde o acesso era difícil, mas era o local onde os negros conseguiam se refugiar, e com o tempo, esse local foi se modificando e se transformando em comunidades e cidades.

Para Munanga (2004), os quilombos são considerados nichos culturais autônomos, pedaços da África no Brasil e foram também “agrupamentos de africanos escravizados fugidos de engenhos, fazendas e minas, que tentaram reproduzir a vida comunitária à semelhança da África, terra de origem, para fugir dos maus-tratos infligidos pelo senhorio branco europeu.” (Munanga, 2004, p.65). Quanto aos descendentes, estes permanecem nas terras por gerações seguidas, sem nem mesmo proceder as partilhas ou apoderamentos individuais (Munanga, 2004).

Almeida (2011) menciona acerca da busca da proximidade dos Quilombolas com praças onde se tinha mercado, onde se vivia a população que comercializava ou trocava produtos de consumo alimentício.

Munanga (2004, p. 65) cita O’Dwyer (1995) mostrando que

Ainda que tenha conteúdo histórico, vem sendo ressemantizado para designar a situação presente dos segmentos negros em regiões e contextos do Brasil. Quilombo não se refere a resíduos ou resquícios arqueológicos de ocupação temporal ou de comprovação biológica. Também não se trata de grupos isolados ou de população biológica estritamente homogênea. Nem sempre foram constituídos a partir de movimentos Insurrecionais ou rebelados. Sobretudo consistem em grupos que desenvolveram práticas cotidianas de resistência na manutenção e na reprodução de modos de vida característicos e na consolidação de território próprio. A identidade desses grupos não se define por tamanho nem número de membros, mas por experiência vivida e versões compartilhadas de sua trajetória comum e da continuidade como grupo. Constituem grupos étnicos conceituados pela antropologia como tipo organizacional que confere pertencimento por normas e meios de afiliação ou exclusão (O’Dwyer, 1995, p. 1).

Vê-se que Quilombo não é resíduo, ou mesmo ocupação temporal ou isolada e sim grupos que desenvolveram resistências de vidas próprias, independente de tamanhos ou quantidade de pessoas, estes são grupos conceituados antropologicamente com pertencimentos a normas e formas de afiliação.

Por fim, aponta Souza (2008) que há organizações sociais que lutam pelos direitos

territoriais e o território não é de existência somente de pessoas negras, uma parte destas comunidades são voltadas para o cultivo e plantio da terra.

Características culturais e sociais das comunidades quilombolas contemporâneas

Almeida (2011, p.20) aponta características sempre presentes na definição do povo Quilombola são: “fuga”; quantidade mínima de “fugidos” definida com exatidão; localização marcada por isolamento relativo, isto é, em “parte despovoada”; a moradia consolidada ou não; capacidade de consumo traduzida pelos “pilões”.

Afirma Souza (1993) que os processos memoriais culturais sociais e históricos constituem expressões de acontecimentos que marcaram algo vivido pelo indivíduo, legitimando assim a característica da reprodução de sua identidade, grupo ou comunidade.

Desta forma, as pessoas constroem e reproduzem suas histórias por meio de narrativas que viveram no passado, a identidade de determinado povo remete a um processo de assimilação no envolvimento do grupo, o qual se manifesta interativamente nas relações que ocorrem cotidianamente, prevalecendo aí os aspectos simbólicos e culturais (Souza, 2014).

Munanga (2004, p. 65) reflete acerca do Quilombo contemporâneo que este é uma

Comunidade negra rural habitada por descendentes de africanos escravizados, com laços de parentesco, a maioria vive de culturas de subsistência, em terra doada, comprada ou secularmente ocupada. Valoriza tradições culturais de antepassadas (religiosas ou não) e as recria no presente. Possui história comum, normas de pertencimento explícitas, consciência étnica (Munanga, 2004, p. 65).

Todos os povos constituem-se em uma só família humana, que possui grande riqueza em sua diversidade, onde a “promoção da tolerância, do pluralismo e do respeito à diversidade podem produzir mais sociedades inclusivas” (Munanga, 2004, p.62). Tal pensar “ilumina os Quilombos contemporâneos brasileiros”, como diz Munanga (2004, p.62) e complementa que são conhecidos pelas suas “comunidades remanescentes, ou também por mocambos”

Povo que possui forte crença e resistência cultural, os Kalungas possuem forte devoção, crença e como não poderia faltar agradecimentos, “uma vez que podemos agradecer e louvar à Divindade que nos traz bênçãos e prosperidade.” (Souza, 2014, p.48).

O povo Kalunga viveu quase que isoladamente, escondido, mesmo com o fim da escravização, protegendo-se em Serras. Esse povo é profundo conhecedor do cerrado brasileiro, o reconhecimento deles se deu no século passado. Os habitantes da Chapada

dos Veadeiros que possuem grande conhecimento e manejo da terra sabem fazer uso e preservação da biodiversidade.

Ricos também em diversidades culturais e em tradições, o Quilombo possui danças como Sussa, cânticos típicos do local, tradições culturais como os casamentos, a utilização de remédios caseiros, os mais idosos tentam repassar seus conhecimentos:

Os mais velhos têm conhecimentos em vários tipos de remédios, para vários tipos de doenças como; febre, gripe, inflamações, gastrite, úlcera, dores de cabeça etc. Esses saberes são adquiridos com os pais que são passados de geração para geração. No entanto, esses conhecimentos culturais dos mais velhos estão se perdendo ao passar do tempo, pois; as tradições, rituais, costumes e práticas nativas e culturais estão somente isolados na memória dos idosos, anciãos apenas, não aprendidos pelos jovens e ainda nem registradas por ninguém (Souza, 2014, p.27).

Os benzimentos, rezas, parteiras, folias, dentre outros atributos são partes dos saberes da cultura local:

Os Kalunga têm fortes crenças e são devotos à divindade, prova disso, as rezas, folias, as danças principalmente a Sussa são momentos de agradecimentos aos Santos festejados nas capelas como: Nossa Senhora da Abadia, São João Batista, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora dos Remédios, São Gonçalo, Divino Espírito Santo e outros Santos (Souza, 2014, p. 26).

Observa-se que alguns saberes estão desaparecendo ao longo dos anos, por consequências de influências externas, como a chegada da tecnologia, da indústria cultural e da individualização humana, o que remete ao distanciamento da coletividade e dos saberes (Souza, 2014). A cultura e costumes deveriam ser mais valorizados, bem como os ritos sociais, tais como as rezas, que segundo a autora:

As rezas são momentos de louvar ao santo exposto no altar, conforme podemos constatar nas imagens, que apresenta em um arremate da folia do Divino Espírito Santo, quando os mais velhos se posicionam em frente ao chamado altar, espécie de casinha onde fica o santo festejado, reunindo os donos da casa e também outros moradores presentes, que fazem a louvação, ou seja, realizam a primeira para poder a festa (Souza, 2014, p. 48).

Veja a Figura 1 de Souza (2014, p. 48) que apresenta uma reza do povo quilombola Kalunga.

Figura 1: Reza do povo quilombola



Fonte: Souza (2014, p. 48)

Assim, a importância da resistência cultural para as comunidades quilombolas, suas manifestações culturais são forma de resistência, onde Bispo (2015) relata (a partir do racismo) como a sociedade lida e reage com isso. O autor revela a importância para o cenário brasileiro e internacional, por trazer aplicabilidade prática. Nêgo Bispo, como era chamado, consegue dialogar com leitores de fora dos centros acadêmicos e sua obra traz os conceitos de cor, raça e etnia como importantes marcadores sociais, em um debate sobre colonização e contra colonização. Bispo (2015) também explica sobre a cultura de uma determinada civilização, e de como a cultura e a religião dos colonizados não eram aceitas pelos colonizadores. Além disso, destaca a intolerância religiosa e a perseguição da igreja católica que eram intensas e pautaram (e ainda pautam na grande maioria dos casos) o pensamento de uma boa parte dos brasileiros.

Apesar dos africanos colonizados, no Brasil, terem sido aniquilados de suas tradições, pela cultura hegemônica do colonizador, bem como a tentativa de aprisionamento do corpo e da alma, estes e seus descendentes ressignificaram suas memórias por meio do processo de reinvenção com o intuito de preservarem laços fundamentais para organização de formas de resistência, principalmente para as Comunidades Quilombolas. Tais comunidades representam a maior frente de luta e resistência negra no Brasil, porém, estes processos de resistência têm como foco os territórios, que são tidos como objetos de disputas, interesses ilegítimos e inconstitucionais de terceiros, sendo que na disputa pela propriedade da terra, foram marcados os últimos por massacres e assassinatos cruéis (Siqueira, 2021).

A Convenção 169/1989 introduz o conceito de terra/território étnico, o critério de

autodefinição, o direito de serem consultados, o direito de escolha de suas propriedades, dentre outros direitos e garantias.

[...]

PARTE II - TERRAS

Artigo 13

1. Ao aplicarem as disposições desta parte da Convenção, os governos deverão respeitar a importância especial que para as culturas e valores espirituais dos povos interessados possui a sua relação com as terras ou territórios, ou com ambos, segundo os casos, que eles ocupam ou utilizam de alguma maneira e, particularmente, os aspectos coletivos dessa relação.

2. A utilização do termo "terras" nos Artigos 15 e 16 deverá incluir o conceito de territórios, o que abrange a totalidade do habitat das regiões que os povos interessados ocupam ou utilizam de alguma outra forma.

Para a certificação é necessário, de acordo com a Portaria FCP nº 98, de 26 de novembro de 2007: ata de reunião específica para tratar do tema de Autodeclaração, se a Comunidade não possuir associação constituída, ou Ata de Assembleia, se a associação já estiver formalizada, seguida da assinatura da maioria de seus membros; breve relato histórico da Comunidade; e um requerimento de certificação endereçado à presidência da Fundação Cultural Palmares. (OIT, 1989, p. 4)

Faz-se necessário destacar que as Comunidades Quilombolas precisam enfrentar ainda obstáculos legais contidos nos procedimentos previstos para certificação de suas terras. Assim, a luta histórica das Comunidades Quilombolas pelas propriedades, pelo direito à terra, vem desde a colonização até os dias de hoje, são direitos fundamentais constantes no Ato das Disposições Constitucionais Transitórias - ADCT: “Art. 68. Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os respectivos títulos.”

Acerca do citado artigo, Fiabani (2008, p. 140), aponta que:

O art. 68 do ADCT foi parar nas Disposições Constitucionais Transitórias por vários motivos. Os constituintes interpretaram o termo quilombo como sinônimo de comunidades de escravos fugidos, como o quilombo de Palmares, o quilombo Malunguinho, o quilombo de Manuel Padeiro e outros. Os parlamentares imaginavam que restavam apenas algumas comunidades remanescentes de quilombos para serem atendidas. Equacionado o problema fundiário destas comunidades, não haveria razão para o dispositivo constitucional seguir no corpo permanente da Constituição. Resolvido o problema das comunidades, não haveria mais necessidade do dispositivo (2008, p. 140).

Verifica-se que o artigo 68 do ADCT é transitório, e que há certa lentidão nos processos de titulação de terras Quilombolas, podendo remeter este ato ao racismo institucional, o qual não garante o pertencimento territorial, mantendo, assim, a condição de escravizados, negando a condição de sujeitos constitucionais, remetendo ao oposto democrático declarado na Constituição de 1988 (Gomes, 2019).

Ainda para Gomes (2019)⁶ os conflitos territoriais Quilombolas configuram-se a partir do racismo em dimensões institucionais, epistêmicas e ambientais. Há inúmeras disputas que envolvem a violência física e racial que afetam também a saúde e a integralidade pessoal.

Para Nascimento (2021), o Quilombo é percebido como uma instituição africana, cujo ritual de iniciação ocorre pela Circuncisão, o local onde acontecia o ritual, era considerado Kilombo ou Casa Sagrada. O ritual de iniciação além de conferir a estes forças específicas e qualidades de grandes guerreiros, tinha, outrossim, a função de unificá-los e integrá-los ritualmente, tendo em vista que foram recrutados das linhagens estrangeiras ao grupo de origem. Assim, para Munanga “o Kilombo africano, tornou-se uma “instituição política e militar trans-étnica, centralizada, formada por sujeitos masculinos submetidos a um ritual de iniciação”.

A repressão aos Quilombolas remeteu a novos processos de territorialização, havendo outras denominações como “terras de preto, terras de herança, terras de santo, terras de santa, terras de índio, bem como às doações, concessões e aquisições de terras, e, ainda, os “camponeses” (ascendência de escravizados seja africana ou indígena).” (Almeida, 2011, p.23)⁷.

Antônio Bispo ou (Nego Bispo) (2015) segundo Fiabani (2008)⁸ como é conhecido no meio quilombola, é um lavrador rural, sábio quilombola, professor, escritor, poeta, ativista político e relator de saberes, tem em seu pensamento a importância da identidade negra, enfatizando a demarcação de territórios no sentido de fortalecer a identidade.

Afirma Almeida (2011) que a repressão aos Quilombolas fez com que se desenhassem processos diferenciados de territorialização havendo diversas denominações como: terras de preto, terras de herança, terras de santo, terras de santa, terras de índio, bem como às doações, concessões e aquisições de terras, e, ainda, os “camponeses” (ascendência de escravizados seja africana ou indígena).

Assim, dentro dos desafios territoriais, Siqueira (2021, p. 17) aponta que

Os desafios jurídicos colocados pelo direito territorial Quilombola interpelam no reconhecimento do Estado, de que o racismo estrutural, assume formas

⁶ GOMES, R.P. **Constitucionalismo e quilombos: famílias negras no enfrentamento ao racismo de Estado**. Lumen Juris, editor. Rio de Janeiro; 2019. 296 p

⁷ ALMEIDA, A.W.B de. Quilombos e as novas etnias. UEA Edições, editor. Manaus, AM; 2011.

⁸ FIABANI, A. Os Novos Quilombos: Luta pela terra e afirmação étnica no Brasil [1988-2008]. 2008;275.

burocráticas que remetem a uma morosidade no reconhecimento e titulação territorial, resultando, desta forma, em generalizações e violações, bem como cerceamento de direitos das Comunidades Quilombolas. (Siqueira, 2021, p. 17)

Vê-se que Quilombo não é resíduo, ou mesmo ocupação temporal ou isolada e sim grupos que desenvolveram resistências de vidas próprias, independente de tamanhos ou quantidade de pessoas, estes são grupos conceituados antropologicamente com pertencimentos, as normas e formas de afiliação.

Também anuncia Siqueira (2021), acerca da necessidade revolucionária de transformar o significado e o sentido dispensados à história dos povos afrodescendentes. O Bispo segundo Fiabani (2008) discute a história das resistências e insurgências tomando como exemplo Palmares, Canudos, Caldeirões e Pau de Colher. Sua percepção traz uma nova visão acerca dos Quilombos, comunidades de negros rebelados contra o regime escravo, tornando-se um exemplo de luta contra a escravidão e o racismo.

Nos apontamentos de Nascimento (2021) e Fiabani (2008), Nego Bispo trouxe o questionamento acerca do que tem sido feito na prática para alterar as instituições e combater as violências? A resposta parece vir com a proposta deste trabalho que para descolonizar o conhecimento, tem-se que entender que todos falamos de tempos e de lugares específicos, a partir de realidades e histórias específicas. Não existem discursos neutros. Com essa justificativa os autores trazem experiências com aplicações práticas que trazem reflexões sobre como os antigos padrões podem ser combatidos. É disso que se precisa para conseguir difundir o pensamento decolonial da museologia.

A compreensão de que o território do Quilombo é mais complexo, pode ser exemplificado na fala da historiadora e professora Deborah Silva Santos em sua tese de doutorado quando apresenta que os: “Quilombos foram locais de refúgio de africanos (as) e afro-brasileiros que fugiam da escravização e hoje são território de moradia e seus descendentes em todo o Brasil” (Santos, 2021, p. 90). Em outro momento da tese, a professora mostra a quantidade de territórios quilombolas com base na Fundação Palmares, ao descrever que:

O Quilombo é mais antigo e duradouro desses espaços de sociabilidade, existente desde o século XVI e localizado em todo o território. Segundo um levantamento do governo brasileiro feito pela Fundação Cultural Palmares (órgão responsável pelo reconhecimento dessas comunidades) o Brasil, até o ano de 2019, identificou 3.524 quilombos, ou, segundo a Constituição Federal de 1988, grupos remanescentes de Quilombos, sendo, 2777 reconhecidos e só 154 titulados (com a posse de suas terras). (Santos, 2021, p. 118-119)

Santos (2021) na sua pesquisa apresenta sobre as experiências de mulheres negras no Brasil em que estas são situadas nestes contextos, assim a autora pontua a relevância dessas mulheres na formação de espaços que preservam a memória das pessoas negras, exemplificado com o caso do Quilombo Mesquita que se constitui:

[...] Espaço de Memória Quilombo Mesquita em busca do pensamento e da prática de mulheres negras que elegeram o museu como ferramenta de luta no enfrentamento ao racismo, de promoção da igualdade racial e de gênero e de empoderamento social (Santos, 2021, p. 150).

Pela importância da resistência cultural para as comunidades Quilombolas, manifestações culturais quilombola, como forma de resistência, faz-se necessário destacar a seguir o papel dos museus na preservação da memória e resistência quilombola.

CAPÍTULO II: O PAPEL DOS MUSEUS NA PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA E RESISTÊNCIA QUILOMBOLA

No presente capítulo descrever-se-á inicialmente sobre a evolução dos museus como espaços de preservação cultural, onde será visto que os museus eram conservadores, com registros de memórias que predominavam a classe dominante que tinham visões hegemônicas e com o passar do tempo isso mudou propiciando uma ressignificação dessas instituições. Os museus passaram a incluir novos personagens. Investigaram-se os paradigmas no campo das Museologias, os limites da museologia tradicional, as expressões de museologia social e comunitária. Na sequência tratou-se do Museu, Museologia e sua relevância na sociedade brasileira, locais onde estão presentes, a contribuição de provocações para o deslimate e o museu social como paradigma agregador de propostas museológicas indisciplinadas.

E por fim, tratou-se acerca do papel dos museus na preservação da memória e resistência quilombola, um território que simboliza a pertença, no qual o Museu Iaiá Procópio é referência na representação da cultura quilombola, da importância da preservação da memória individual e coletiva, a preservação e difusão do patrimônio (pessoa que narra com a função de transmissor).

Os museus como espaços de preservação cultural

Os museus, nas últimas décadas, têm se apresentado como importantes instrumentos de preservação da memória e do patrimônio cultural de um povo, reconhecendo as diferenças e singularidades de sua formação. Mas, nem sempre foi assim, por muito tempo foram locais restritos e elitizados que se caracterizam por serem instituições formadas por objetos representativos de uma única classe social.

Pode-se dizer que este quadro permaneceu inalterado até a década de 1960, especialmente no Brasil, quando evidencia que boa parte dos museus historiográficos são instrumentos de visão classista excludente e celebrativa, tendo-se como exemplo o Museu Imperial (Santos, 2006). Ainda em 1960 criam-se os Museus Villa-Lobos e da República, sendo criados também inúmeros museus militares, no mesmo período surgiram também um grande número de museus municipais. Em 1967 é criado o Museu Lasar Segall (IGPA, 2022).

O museu, na transição de 1960-1970, reverteu-se em uma imagem social que mostrava um vínculo com o passado, num timbre que remete ao silêncio, à superação e

desajuste diante da época.

O museu era lugar de memória oficial, da consagração e estetização do autoritarismo e exclusivismo de grupos sociais dominantes e de produção de uma história que não encontrava relações com o contexto em que existia (Relatório de Gestão, 2010).

Logo após, transformou-se em local prazeroso, de aprendizagem e troca, o qual surge a partir de 1970 numa transformação cotidiana da cidade, da cultura, da indústria, sendo referência de desenvolvimento cultural (Relatório de Gestão, 2010).

Os documentos concebidos no ano de 1972, durante a Mesa Redonda de Santiago do Chile, trouxeram experiências museais desenvolvidas no México, na Suíça, no Canadá, na França e em Portugal, as quais produziram impactos teóricos e práticos no Brasil. Os desafios de pensar e desenvolver práticas de uma museologia popular e comunitária e os desafios de refletir e agir sobre o patrimônio, considerando-o como agente de mediação, foram assumidos por praticantes do que passou a ser chamado de Nova Museologia (Relatório de Gestão, 2010).

Vale ressaltar, que neste longo período em que os museus tinham a iniciativa de conservar registros de memória e a visão das classes dominantes. Como Freitas (2016) menciona que historicamente, os museus brasileiros fomentados por essas classes e suas visões hegemônicas, onde:

povos negros, etnias indígenas, herdeiros quilombolas, herdeiros caboclos, trabalhadores camponeses, favelados e pobres eram tidos como inexistentes ou tiveram as histórias deformadas pelos discursos hegemônicos propagados por ideais, voltados para a celebração do poder e para a manutenção do pensamento abissal que é a negação radical da copresença de pluralidades, de formas diversas de conhecimentos e cosmogonias (Freitas, 2016, p. 15)

Tal panorama advindo de políticas patrimoniais deixadas por portugueses no Brasil, os quais excluía a influência africana, modificou-se passando assim a valorizar o patrimônio das diferenças. Propiciou-se, assim, a democratização, a ressignificação e a apropriação da cultura, valorizando-se as raízes históricas dos diferenciados grupos étnicos, religiosos, sociais dentre outros (Freitas, 2016).

Assim, Britto (2019, p. 22) investigou os paradigmas no campo das Museologias, no qual se pode ver que “O museu está a serviço da diferença - marcado por perspectivas de pensamento pós-estruturalistas e decoloniais, que se convencionou designar de ‘Museologia Social’ e que tem na Sociomuseologia uma de suas principais Escolas de Pensamento”. Paradigma definido pela triangulação entre temas/problemas,

territorialidades/desterritorialização e protagonistas sociais/grupos de interesse. “A expressão museologia social se refere a uma postura ética da parte das instituições museais, as quais assumem os “acervos” relacionados à localidade em que se estão inseridos”.

Desta forma, o museu social e/ou comunitário é repleto de significação, ultrapassando, sem perceber os limites da museologia tradicional, pois propicia uma proximidade entre o patrimônio, a comunidade e os sujeitos que o visitam. Na oportunidade de compreensão das relações existentes na comunidade, na exibição dos acervos, há de se considerar a conservação e preservação de informações preciosas pelos representantes do Museu, o que reflete no entendimento da cultura e simbologia social.

Acerca dessas Museologias de resistência, afirma Brito (2019), que esta foi marcada “pelas tentativas de consolidação do paradigma da Nova Museologia e, posteriormente, por uma fase pré-paradigmática da Museologia Social,”(p.23) onde se vê que nas últimas décadas as reflexões refletem em experiências criativas em que englobam museologias indisciplinadas brasileiras no estímulo e contribuição de “outras forças, outras formas de gestão, resistência, pensamento e luta, outras parcerias, outras lógicas [(in) disciplinares], outras formas de ser museu [(in)mundo] e de fazer e saber museologia [(in)pura]” (Chagas, 2017, p. 132) citado por Britto (2019, p. 28).

Os museus localizam-se em lugares onde nos proporcionam ideias elevadas, são janelas, portas e portais; eles poéticos entre a memória e o esquecimento, entre o eu e o outro; eles políticos entre o sim e o não, entre o indivíduo e a sociedade. Há espaço nos museus para tudo que for humano, há uma clara necessidade e uma grande vontade de prevalência da memória, do patrimônio e do Museu, tal pensamento não é somente contemporâneo, é de grande visibilidade de suma conectividade cultural (Chagas e Storino, 2007).

“As Museologias consistem na reflexão sobre a ‘didática da invenção’ dos processos museológicos, o que contribuiria para um conjunto de provocações para o ‘deslimite’ das imagens ou para a construção de diversas ‘imaginações museais’” (Britto, 2019, p. 12).

“Museologia Social é um novo paradigma, agregador de propostas indisciplinadas” sendo esta “capaz de promover uma refundação epistêmica” (Britto, 2019, p.21), assim a museologia social deve ter presente a redução das injustiças sociais, as desigualdades sociais, sendo propulsora do combate a preconceitos, remetendo a melhoria

da vida coletiva e fortalecimento da dignidade social.

O museu não serve somente para memoriar o passado, este reuni seleção de acervos a serem lembrados, os quais farão a composição de histórias a serem contadas, histórias de grupos, não há Museologia sem seleção ou sem recortes, não há como tratar toda a memória, pois esta se faz seletiva, que carrega consigo o esquecimento. Os objetos ali presentes são passíveis de inspiração para se contar histórias de fracasso ou de sucesso (Santos, 2021).

Não há ingenuidade no discurso museológico, ele nunca foi e nunca será neutro. São dialéticos e trazem em si a contradição das câmaras mortuárias e das câmaras de ressurreição mediados pelas ações humanas de seleção, contemplação, observação, intervenção, preservação entre outras (Santos, 2021, p. 40).

Os museus são dialéticos, trazem em si a contradição narrados pelas ações humanas que observou e acrescentou algo com a sua criatividade.

Os museus na sociedade brasileira vêm surgindo de novos conceitos e práticas estabelecidos para a gestão da cultura retirando-a das margens das políticas governamentais. Atualmente, pode-se dizer que são trabalhados conceitos ampliado dentro da cultura, ultrapassando-se da ênfase nas artes consolidadas e definindo-a como fenômeno social e humano de sentidos múltiplos, tal quais manifestações que remetem a força simbólica e reconhecimento diante das sociedades (Relatório de Gestão, 2010).

Ainda dentro deste panorama, tem-se no Relatório de Gestão (2010) que os museus vêm ganhando mais importância na vida cultural e social brasileira, “como processos socioculturais colocados a serviço da democracia, da sociedade e como uma ferramenta de desenvolvimento social”. (Relatório de Gestão, p. 6) Percebe-se que não é apenas um lugar onde se guardam quinquilharias. Os museus brasileiros,

em sua diversidade, se mostram como agentes relacionados a múltiplas políticas, como por exemplo, as formas de fazer, de saber, de conhecer – reveladoras de facetas do repertório da cultura do Brasil, sendo parte deste universo os museus públicos, privados e mistos; museus de arte e de ciência; museus de empresas e de comunidades populares; museus federais, estaduais e municipais; museus que cabem numa pequena sala e museus de grandes territórios; museus clássicos e ecomuseus; museus conectados e desconectados; museus com uma única sede e museus com sedes múltiplas; museus que são palácios e museus que são palafitas. Museus dialogam com o passado - mas também são fundamentais na criação de futuros, na propagação de grandes novidades (Relatório de Gestão, 2010, p. 7)

Assim, o campo museal brasileiro teve fortalecimento histórico, observando-se o crescimento conceitual do fazer museológico e a consolidação de uma legislação própria na história brasileira. Partindo da Política Nacional de Museus e suas premissas, bases teóricas

e práticas foram criadas, possibilitando a construção do Sistema Brasileiro de Museus (SBM), do Cadastro Nacional de Museus (CNM), do Estatuto de Museus, e culminando na criação do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram/MinC), que simboliza, não um marco final, mas o início de uma nova era para a cultura brasileira (Relatório de Gestão, 2010).

Papel dos museus na representação negra e da cultura quilombola

No museu reside a resistência, um território que simboliza espaço de pertença, de reunião de uma infinidade de acervos e objetos que contam a história local desde os antepassados até a atualidade. Grande parte deste acervo foi herança deixada pelos ancestrais, o que propiciou uma profunda identificação da comunidade, por estarem representando todo um passado de histórias que carregam na memória individual e coletiva, sendo um espaço de acolhida e pertença.

Santos (2022) ao falar dos museus no Brasil diz que :

Os museus nacionais brasileiros no pós-abolição se aperfeiçoaram na seleção/preservação de patrimônios e na construção de imagens de uma nação com raízes européias introduzidas pelos colonizadores portugueses e reforçada com os imigrantes europeus no final do século XIX. Um imaginário de cultura brasileira que desconsidera a cultura indígena nativa e a cultura negra introduzida pelo colonialismo escravocrata. (Santos, 2022, p. 70)

Assim, como a autora afirma que a

“democracia racial brasileira, invisibiliza e apaga a cultura negra nos museus tradicionais, suas imagens, narrativas, modos de ser, fazer e existir como produtores de conhecimento de origem africana são substituídos pela figura das mulheres e homens escravizados, em harmonia e resignados pela sua condição” (Santos, 2021, p. 21).

As mulheres negras nos museus agruparam a “invisibilidade, o silenciamento e o apagamento dado aos negros e as mulheres de desumanização, de representação em imagens estereotipadas e hipersexualizadas congeladas no estigma da escravização.” (Santos, 2021, p. 1).

Após a Museologia decolonial reforçou-se a participação da comunidade, reconhecendo as novas práticas de preservação da memória nos museus comunitários afro-brasileiros adentrando-se na busca do protagonismo das mulheres negras, remetendo ao enfrentamento do racismo na busca da igualdade racial e de empoderamento e desenvolvimento social (Santos, 2021).

Verifica-se no estudo de Santos (2021) a representação das mulheres no Espaço de Memória do Quilombo Mesquita, representando as negras quilombolas, o que “a priori, sabe-se que a invisibilidade feminina não se faz presente nesse lugar de memória, pois,

credita-se a fundação do Quilombo a três mulheres negras alforriadas que herdaram o Sítio Mesquita.”(Santos, 2021, p. 225). Tais trabalhadoras rurais se ancoraram na agricultura referente ao marmelo, o qual comercializado pode garantir a subsistência destas e de suas famílias.

Por fim, “as categorias de gênero e raça-etnia incidem nas vivências das mulheres quilombolas, por vezes, inviabilizando suas experiências de opressão” (Santos, 2021, p. 235), a ideia de “naturalizar” refere-se aos processos de tornar esses papéis sociais e culturais, que são construídos e aprendidos, como algo “natural” ou inerente às mulheres. Isso muitas vezes perpetua estereótipos de gênero e limita as possibilidades de atuação das mulheres na sociedade, reforçando a divisão tradicional de tarefas e responsabilidades baseadas no gênero.

Nas aproximações entre memória e poder, vê-se que é possível perceber a função dos museus como local de salvaguardar o patrimônio, sendo o local visto como memória que nasce marcado com os germes da contradição e do jogo das múltiplas oposições, sendo tais orientações fundamentadas quando analisados os patrimônios e as exposições museológicas relacionadas às diásporas negras. O termo diáspora relaciona-se à “dispersão de um povo em decorrência de perseguição política, religiosa ou étnica”, segundo Reis (2010, p. 39).

Conforme Reis (2010, p. 39) “a diáspora africana teve maior intensidade entre os séculos XVI e XVIII, graças ao procedimento de retirada por meio da força brutal dos negros africanos para lugares como as Américas, Europa e Ásia” Tal fato consolidou-se em virtude da escravidão e pelo tráfico negreiro através do Atlântico.

Atualmente, ainda se vê que o negro foi silenciado, quando representado na maioria dos museus brasileiros, deve-se haver maior valorização do negro, necessitando-se de destaques não somente por meio da religião, o que desponta como parte da resistência do negro, perseguido, mas também ser mostrado como aquele que luta para ter seu espaço, o real reconhecimento, a valorização e, principalmente o respeito que merece (Santos, 2016).

Verifica-se no estudo de Santos (2021) a representação das mulheres no Espaço de Memória do Quilombo Mesquita, representando as negras quilombolas, o que “a priori, sabe-se que a invisibilidade feminina não se faz presente nesse lugar de memória, pois, credita-se a fundação do Quilombo a três mulheres negras alforriadas que herdaram o Sítio Mesquita.”(Santos, 2021, p. 225). Tais trabalhadoras rurais se ancoraram na agricultura

referente ao marmelo, o qual comercializado pode garantir a subsistência destas e de suas famílias.

A importância da preservação da memória coletiva partiu da própria Iaiá, de predominância quilombola, onde retratou a história e valores que possuem verdadeira presença da museologia social, sem mesmo ter conhecimento do assunto de forma teórica. A comunidade tem orgulho em participar ativamente das festas e demais atividades existentes no museu.

Diante da relação entre a história e a memória, levando-se em conta a memória como uma representação em épocas diferentes e também em relação às realidades sociais, vê-se o sentido do passado e o presente, restituindo-se a experiência e expectativas futuras, que conforme Reis retrata que “A sensibilidade de uma historiadora se ancora no tempo, na interpretação sempre mutante entre passado, presente e futuro.” (Reis, 2003, p.8). Percebe-se que as mudanças no processo histórico modificam interpretações históricas. As interpretações atribuídas por aqueles que viveram a história, assentam-se numa visão “temporal”, visto no presente como um lugar social.

Percebeu-se a relevância da memória, tanto individual quanto coletiva, aferindo-se significados ao que se vê na percepção da memória dos que ali habitam, conduzindo à releitura e interpretação, para que não se apague as significações da história coletiva, evitando-se, igualmente, o padecimento, caindo-se no esquecimento da história numa visão social e política.

No que tange a preservação e difusão do patrimônio (pouco conhecido, rico em diversidades), vê-se no Museu Iaiá Procópio a representação de um discurso, o qual é composto de conceitos refletidos pela fundadora, que deixou claro que não iria deixar que seu museu fosse pensado por outras pessoas e sim por ela mesma ainda viva como está até hoje.

Esta realidade traduz-se, daquilo que se faz e do narrador, principalmente do local de que ele fala, por conseguinte, remete-se a função de transmissor, para as novas gerações, da vivência e experiência retida, o que é de suma importância para a sobrevivência das raízes.

O museu Iaiá Procópio, como representação da cultura quilombola, foi criado com o intuito da garantia do reconhecimento do quilombo, que é um local de festa, de comemorações, de alegrias e principalmente de memória coletiva.

Como objeto de resistência, o Museu Iaiá Procópio caracteriza-se como um museu território retratando a pertença do acervo juntamente com seu povo, que nos sensibiliza e nos faz ter a iniciativa em salvaguardar a memória coletiva e social, originárias da história e dos princípios que fomentam os eventos ali existentes. A evolução dos museus como espaço de preservação cultural será sempre resistente, pois a intenção de reescrever, remete a mudanças (Reis, 2003).

Na atualidade, o espaço Iaiá Procópio tornou-se uma referência no Estado de Goiás, visto como uma nova concepção de museu, o qual privilegia a preservação das memórias de povos quilombolas que historicamente são pouco lembrados nos tradicionais locais de preservação cultural. E é sobre ele que tratarei no próximo capítulo.

CAPÍTULO 3 - MUSEOLOGIA COMO RESISTÊNCIA NO MUSEU IAIÁ PROCÓPIA

“Eu sempre escutei que museu é onde se guarda coisa de morto. Pois o meu eu quero em vida, com tudo organizado do meu próprio gosto e jeito” (Depoimento de Iaiá Procópiá WEISS, 2020 p. 33).

Este capítulo apresenta a história e o contexto da Comunidade Riachão do Quilombo Kalunga, papel de Iaiá Procópiá na resistência e promoção da identidade quilombola e o Museu Quilombola Iaiá Procópiá como um espaço de representação da cultura quilombola, entendendo como são relevantes os saberes transmitidos oralmente de uma geração para outra e registrados nas heranças culturais, no cotidiano e na localização geográfica.

Assim, considero uma honra a produção deste estudo na Comunidade Riachão a qual estou ligada, por ser uma quilombola, nascida na comunidade vizinha de Saco Grande e, assim possuir antepassados que sofreram com a escravização, mas que ajudaram a fundar o Quilombo Kalunga há 300 anos.

A Comunidade Kalunga Riachão é reconhecida oficialmente pelo governo de Goiás, e esteve isolada por anos, o que permitiu, por algum tempo, manter tradições e costumes locais característicos da formação quilombola de refúgio. A tradição mantida no comportamento transmitido por meio da oralidade de uma geração para outra, e presente no modo de viver, de se organizar, nas crenças, saberes, entre outras experiências, mas que ao longo do tempo, esses fazeres e saberes foram influenciados pela modernidade tecnológica corrompendo-se parte do costume. Segundo Hall (2006), na modernidade existem influências que modificam as identidades de determinados grupos, a identidade depende de inúmeros elementos culturais materiais ou não para se formar, existir e perdurar. E como a globalização atingiu estes grupos culturais bombardeados por informações veiculadas nas mídias, o que aproxima distâncias e rompe o isolamento.

História e contexto da Comunidade Kalunga Riachão

A Comunidade Riachão está em um lugar que se constitui em contexto de imersão e na natureza, abastada e sustentável, como é todo o território do Quilombo Kalunga. Para defini-lo entende-se a importância de avançar as fronteiras do quilombo e buscar na academia formas científicas de preservação da história e cultura do povo Kalunga. Esforça-se em registrar a potência da oralidade em material escrito, ressaltando-se onde se nasceu,

creceu e reside.

A parte do Quilombo Kalunga situado no Município de Monte Alegre de Goiás é composto pelas comunidades de Riachão, Contenda, Bom Jardim, Cural da Taboca, Areia, São Pedro, Sicuri, Tinguizal, Faina, Vão de Almas, Ribeirão dos Bois, Vão do Moleque dentre outras pequenas comunidades que se localizam distantes uma das outras (Baiocchi, 1999). Conforme o Censo Demográfico de 2022 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a população de Monte Alegre de Goiás é de 6.692 habitantes e a população pertencente ao Quilombo Kalunga e de 4.500 pessoas (CENSO, 2022).

Baiocchi (1990) afirma que o Governo Federal constatou que o Território do Quilombo Kalunga existia e que as comunidades estavam instaladas no Estado de Goiás, mas nada fez para proteger esses moradores, cidadãos brasileiros, dos exploradores e caçadores de fortuna fácil que rondavam e rondam a região. Hoje, o Kalunga é lugar onde os mais jovens e os mais velhos sobrevivem com falta de políticas públicas que garanta a permanência e a sustentabilidade dos moradores, principalmente os jovens, pois não há geração de emprego e renda, esporte, lazer, ou seja, algum atrativo que desperte o interesse de possa valer a pena estar neste lugar e investir na permanência. Os locais são de difícil acesso, mas se por um lado se verifica uma extrema facilidade de conexão com a natureza, e tudo que dela provém, por outro as estradas são ruins e as pontes em constante manutenção o que dificulta a equidade social, direito de todo ser humano.

Considerado rico em diversidades culturais e tradicionais, no Quilombo Kalunga, dança-se e canta-se Sussa; há conhecimentos empíricos do modo de vida e a tradição cultural Kalunga como o casamento na fogueira, o uso de remédios caseiros, benzimentos, rezas, parteiras, folias, entre outros saberes e fazeres, mas, observa-se que eles estão desaparecendo ao longo do tempo, o que está também acarretando vários problemas.

Os povos quilombolas desde os anos 1980 têm sido alvo de estudos das Ciências Sociais e Humanas. Os estudos da antropóloga Mari de Nazaré Baiocchi tem desde este período se dedicado a investigar o povo Kalunga e registrou a criação, na década de 1990, do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga. Assim, voltando os olhares para as polêmicas existentes sobre o quilombo, possibilitou romper como o desconhecimento da existência dos remanescentes de quilombos habitantes dos vãos do nordeste goiano (Fernandes, 2015).⁹

⁹ FERNANDES, Cecília Ricardo. **O que queriam os Kalungas?** As transformações no olhar acadêmico sobre

Nós quilombolas somos os habitantes dos Quilombos, de comunidades que foram constituídas por pessoas africanas e afro-brasileiras que enfrentaram, resistiram e sobreviveram à margem do sistema colonial que dominou o território brasileiro por mais de 300 anos e, que teve o trabalho escravizado de negros africanos como centrais, abolido em 1888 pela Lei Áurea (Baiocchi, 1999).

As Investigações de Baiocchi (1999) revelaram que as pessoas negras, de um modo geral na sociedade brasileira, mesmo com a finalização do período escravocrata em 1888, ainda se encontravam excluídas socialmente e economicamente, e que as pertencentes às Comunidades Quilombolas, estavam em piores situações, ainda constantemente lutando pelos seus direitos como cidadãos e cidadãs e pela garantia da posse de seu território (Reis, 2019).

Os quilombolas kalungas, ainda permanecem na luta por seus direitos, conseguiram o reconhecimento do território ao mesmo tempo em que com isso a aprovação de direitos relativos à terra nas instituições e órgãos públicos o uso da terra, garantido na da lei Estadual complementar nº 11.409/1991¹⁰.

No que tange a terra, a certificação respeita o direito à autodefinição, conforme estabelece a Convenção n.º 169 da OIT¹¹, certificadora das comunidades quilombolas que assim se declaram (BRASIL, 2003)¹², de acordo com o Artigo 2º do Decreto 4.887/2003¹³,

Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com

as demandas Quilombolas do nordeste de Goiás: Interações campo grande, v.16. Universidade de Brasília-DF: Jul/dez, 2015.

¹⁰ Brasil. Governo do Estado de Goiás Gabinete Civil da Governadoria. LEI nº 11.409, de 21 de janeiro de 1991. - Vide Lei nº 9.904, de 10-12-1985. - Vide Lei Complementar nº 19, de 5/1/1996. **Dispõe sobre o sítio histórico e patrimônio cultural que especifica.** Disponível em: <<https://legisla.casacivil.go.gov.br/api/v2/pesquisa/legislacoes/84176/pdf>> Acesso em: 10 nov. 2023.

¹¹ BRASIL. CONVENÇÃO 169/1989 da OIT sobre Povos Indígenas e Tribais <<https://www.oas.org/dil/port/1989%20Conven%C3%A7%C3%A3o%20sobre%20Povos%20Ind%C3%ADgenas%20e%20Tribais%20Conven%C3%A7%C3%A3o%20OIT%20n%20%20C2%BA%20169.pdf>> Acesso em: 10 nov. 2023.

¹² BRASIL. DECRETO Nº. 4.887/2003 - **Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias.** Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm> Acesso em: 05 nov. 2023.

¹³ BRASIL. DECRETO Nº. 4.887/2003 - **Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias.** Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm> Acesso em: 05 nov. 2023.

trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida. (ADIN nº 3.239)

§ 1º Para os fins deste Decreto, a caracterização dos remanescentes das comunidades dos quilombos será atestada mediante autodefinição da própria comunidade.

§ 2º São terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos as utilizadas para a garantia de sua reprodução física, social, econômica e cultural.

§ 3º Para a medição e demarcação das terras, serão levados em consideração critérios de territorialidade indicados pelos remanescentes das comunidades dos quilombos, sendo facultado à comunidade interessada apresentar as peças técnicas para a instrução procedimental Decreto 4.887/2003).

O Quilombo Kalunga, segundo Baiochi (1999), constitui-se como o maior e mais longínquo Quilombo brasileiro, resistindo desde o período escravocrata até os dias atuais. Seu reconhecimento oficialmente pelo governo do Estado de Goiás, como Patrimônio Histórico e Artístico Nacional IPHAN (2013, p. 05) é ressaltado pela sua importância da seguinte forma:

O patrimônio cultural tem importância para muita gente, não só para um indivíduo ou uma família. Dessa maneira, o patrimônio liga as pessoas. É sempre algo coletivo; uma história compartilhada, um edifício ou lugar que todos acham importante, uma festa que todos participam, ou qualquer outra coisa em torno da qual muitas pessoas de um mesmo grupo se identificam. O patrimônio cultural faz parte da vida das pessoas de uma maneira tão profunda, que algumas vezes elas não conseguem nem mesmo dizer o quanto ele é importante e por que. Mas caso elas perdessem, sentiriam sua falta. Como, por exemplo, a paisagem do lugar da infância; o jeito de preparar uma comida; uma dança; uma música; uma brincadeira, entre outras. (IPHAN, 2013, p. 05).

Desta forma, assegura-se que o Sítio Histórico que mantém o Patrimônio Cultural Kalunga é algo de suma importância, difícil de ser expressada em palavras o significado que tem para aqueles/as que são originários do local como eu.

Portanto, neste Sítio Histórico, Patrimônio Cultural Kalunga, Patrimônio histórico e cultural do Brasil, localizado na Região Centro Oeste, no Estado de Goiás é que o Quilombo Kalunga sobrevive e luta pela existência e preservação, com dificuldades, mas seguindo o aprendizado dos ancestrais (Baiochi, 1999).

As várias comunidades do Sítio têm a agricultura como central, onde se planta para comer. É um local no qual as manifestações culturais são mantidas em seus saberes e fazeres, expressões e histórias, que se transformam devido à inserção das tecnologias. A cultura é arraigada de rezas, folias e festas, de tradições como o casamento na fogueira e os remédios naturais que se recorre quando há necessidades imediatas (REIS, 2019). Os dizeres e orações que são proferidos nas benzeduras e práticas medicinais, nos recitais de um espetáculo, nos cânticos de mutirão na realização de um trabalho são tidas como

práticas culturais (IPHAN, 2013).

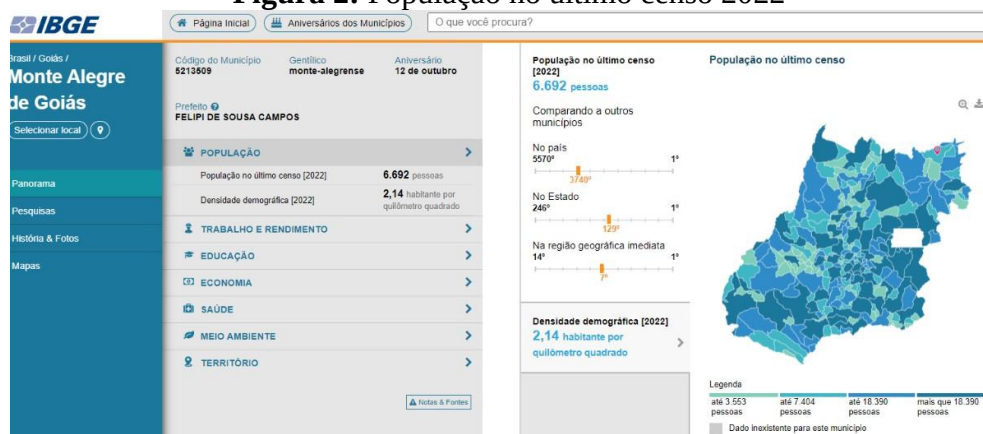
Como mencionado anteriormente, a Lei Estadual complementar nº 11.409/1991¹⁴ transformou o território Kalunga em sítio Histórico Cultural de Goiás, mas a sua história envolve os ciclos econômicos (do ouro) do nordeste goiano que trouxe a mão de obra escrava de partes do Brasil para as minas de Goiás (FERNANDES, 2015). Assim, a cronologia deste, segundo Baiocchi (1999) envolve também o povo goiano, a colonização e implantação do ciclo minerador,

Remete-se a 1722 quando Bartolomeu Bueno, o Anhanquera, e João Leite da Silva Ortiz, ao iniciarem a colonização e implantação do ciclo minerador, a Minas dos Goyazes`, desencadeiam de um processo de povoamento. Nesse sentido, a população Kalunga é de etnia negra, originalmente constituída por descendentes de pessoas que foram trazidas para o Brasil na condição de escravos no período colonial. No entanto, os Kalunga vivem no maior território num dos lugares mais bonitos do Brasil, na região da Chapada dos veadeiros em Goiás (Baiocchi, 1999, p.27).

A área ocupada pela Comunidade Quilombola Riachão esteve isolada por muitos anos e, por manter os costumes e tradição própria, segundo Reis (2019), tem característica de formação quilombola de refúgio.

O mapa da figura nº 1 mostra o Município de Monte Alegre de Goiás e a localização da comunidade Riachão no território Kalunga

Figura 2: População no último censo 2022



Fonte: IBGE (2022)¹⁵

A comunidade possui “237.000 hectares de vales, rios e montanhas situados às

¹⁴ Brasil. Governo do Estado de Goiás Gabinete Civil da Governadoria. LEI nº 11.409, de 21 de janeiro de 1991. - Vide Lei nº 9.904, de 10-12-1985. - Vide Lei Complementar nº 19, de 5/1/1996. Dispõe sobre o sítio histórico e patrimônio cultural que especifica. Disponível em: <<https://legisla.casacivil.go.gov.br/api/v2/pesquisa/legislacoes/84176/pdf>> Acesso em: 10 nov. 2023

¹⁵ IBGE 2022 – Monte Alegre de Minas. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/monte-alegre-de-goias/panorama>> Acesso em: 08 de out. 2023.

margens direita e esquerda do rio Paraná que, como o Rio Nilo ou Zaire na África, possibilitou a existência e a formação de povo e de uma cultura singular.” (Baiocchi, 1999, p, 24). Seu povo tem identidade própria, um modelo diferenciado de saberes e fazeres, mas que se assemelham aos apresentados na cartilha do IPHAN, (2013, p.36):

Envolvem o conhecimento de técnicas e matérias-primas, que dizem muito sobre o meio ambiente e o modo como as pessoas interagem com ele. Por exemplo, os ofícios tradicionais de pescador, quebradeira de coco babaçu, catadores de açaí, garimpeiro, seringueiro; ou a maneira de construir uma casa de taipa, adobe, ou madeira, como nas palafitas etc. Alguns saberes e práticas explicam muito da história de uma comunidade. As que têm um forte vínculo com o campo, por exemplo, podem ter como referência o ofício de vaqueiro ou de boiador; outras podem ainda desenvolver práticas que eram feitas desde muito tempo por populações que habitavam o território e que não existem mais. Algumas práticas estão presentes em muitos lugares, mas se desenvolvem de maneira diferente em cada um, como as formas de cultivo e uso da mandioca ou de destilação da cana (IPHAN, 2013, p. 36).

Especialmente no que tange o conhecimento, técnicas, o respeito à tradição cultural e demais práticas de sua realidade, o povo possui sabedoria e são resistentes em sua cultura e crenças (Baiocchi, 1999, p.24).

Na figura nº 2 é possível ver as várias comunidades quilombolas do Município de Monte Alegre de Goiás e, onde se localiza a Comunidade Riachão no território Kalunga.

Figura 3: Comunidade Riachão (museu Procópia)



Fonte: Google Maps (2023)¹⁶

Segundo Oliveira e Silva (2017)¹⁷enquadram-se nas concepções

¹⁶ Google Maps 2023. **Monte Alegre de Goiás** Disponível em: <<https://www.google.com/maps/@-13.5969177,-47.6208615,9z?entry=ttu>> Acesso em: 20 out. 2023.

¹⁷ OLIVEIRA, Andressa Rodrigues Sensato. SILVA, Carla Holanda da. Território, **Territorialidade e Identidade Territorial**: categoria para análise da dinâmica territorial quilombola no cenário geográfico. Caderno de Geografia, v. 27, n. 49, 2017

multidimensionais as quais são vivenciadas por produções e territorialidades de relações políticas complexas:

Posto que, a análise das suas relações com o território são complexas e requerem uma compreensão além do espaço concreto vivenciado e das relações políticas. Pois nesse caso, o território é também um espaço de socialização, de manifestação de cultura e fonte de recursos, numa perspectiva econômica. Assim entende-se território com suas dimensões que perpassam (Oliveira e Silva. 2017, p. 416).

Há uma relação dos Kalungas com seu território, vividas de forma complexa, indo além da ancestralidade escravizada de refúgio, o que é manifestado por relações políticas, econômicas e sociais. Atualmente o território Quilombola é visto como espaço cultural resistente que possui meta de valorização e costumes territoriais.

Souza (2014) afirma que a Comunidade Riachão

Originalmente formada por negros, seus ancestrais fugiram do cativeiro e organizaram-se nesse Quilombo que hoje chama Kalunga, na região da Chapada dos Veadeiros no norte de Goiás. A comunidade Riachão localiza-se no Município de Monte Alegre de Goiás, aproximadamente 79 km da sede, onde 39 km são de estrada de terra com difícil acesso, somente por meio de transporte em carro particular. A comunidade possui energia elétrica, telefone celular por meio de antena, internet via satélite, água encanada vindo da serra, não tem rede de esgoto e nem posto de saúde (Souza, 2014, p. 26).

Verifica-se pouca infraestrutura básica no Riachão, mas é um grande espaço rural, com economia baseada na agricultura local, produz medicamentos naturais, obtidos por meio de saberes e fazeres herdados pelos mais antigos. É composta por aproximadamente “56 famílias as quais sobrevivem da agricultura de subsistência e de benefícios do governo Federal como a bolsa família, aposentadoria e, às vezes, cesta básica” (Baiochi, 1999, p.17), o que na atualidade corresponde, de acordo com o presidente da Associação Kalunga, acerca de 350 famílias que aguardam pelo reconhecimento de suas terras.¹⁸

Acerca da agricultura local:

Os moradores cultivam o plantio de: mandioca, arroz, abóbora, quiabo, jiló, andu, fava e outros cultivos agrícolas, para o sustento da família. A comunidade tem uma cultura muito rica e diversificada, onde as manifestações artísticas, culturais e lazer integram ao seu cotidiano (Souza, 2014, p.27).

Assim, os quilombolas manifestam-se conforme suas especificidades, necessidades dentro de contextos vivenciados (Reis, 2019). Tais identidades são tidas como

¹⁸ ARAÚJO. Valmir. **Demarcação de Terra**. Regularização do território do Kalunga, o maior quilombo do Brasil, avança em Goiás. Representantes comemoram conquista e cobram governo de Goiás por mais titulações. Brasil de Fato | Brasília (DF) | 06 de maio de 2024 às 14:24. Disponível em: <> Acesso em: Jul. 2024

uma construção biopsicológica do indivíduo que se forma tanto individual ou coletivamente, remetendo ao desenvolvimento do indivíduo como ser único, com suas especificidades particulares (André, 2008).¹⁹

Como relatado, o caminho é longo, do centro de Monte Alegre a Comunidade de Riachão, leva-se duas horas de carro e não é qualquer automóvel que consegue acessar o local, por ser uma estrada privada de asfalto, com algumas partes extremamente íngremes, com muitas pedras grandes e riachos no meio do caminho.

As casas na Comunidade Riachão em sua quase totalidade possuem de 1 a 4 cômodos, uma sala de visita, cozinha com despensa, fogão a lenha e forno para torrar farinha e o banheiro que costuma ter sido construído pelo governo estadual (Reis, 2019).

Figura 4: Casa de Iaiá Procópio



Fonte: Souza (2014, p. 42)

A Comunidade Quilombola Kalunga Riachão faz a sua comunicação cultural de inúmeras formas, onde estão presentes os valores, o respeito e harmonia.

¹⁹ ANDRÉ, M. C. **O ser negro:** a construção de subjetividades em afro-brasileiros. 1 ed. Brasília: LGE Editora, 2008. 266p

Figura 5: Deuzite e Iaiá no Museu



Foto/ autoria: Deuzite Santiago da Cunha

Figura 6: Dança Sussa



Figura 7: Batendo Tambor



Foto/ autoria: Deuzite Santiago da Cunha

A manifestação cultural insere-se em várias formas de expressão, o artesanato, a dança, a música, as quais são praticadas juntas. Percebe-se que as expressões orais são associadas também à cultura (IPHAN, 2013).

As experiências deixadas é que darão sentido ao lugar, “Um lugar pode ser importante para uma comunidade por ser referência de seu dia a dia e suas crenças. E esses lugares são essenciais para o inventário, e podem significar novas descobertas, novos patrimônios que merecem ser cuidados” (Reis, 2019, p. 32).

A significação de um lugar pode se tornar especial, desde que associado a forma como é utilizado ou valorizado pelo grupo em que está inserido, como é o caso do museu

para a Comunidade Kalunga Riachão.

E a casa de Iaiá Procóbia (figura nº 3) também é assim possuindo um quintal espaçoso, extenso e repleto de frutas dividido com toda a comunidade.

A significação de um lugar pode se tornar especial, desde que associado a forma como é utilizado ou valorizado pelo grupo em que está inserido, como é o caso do Museu Iaiá Procóbia da Comunidade Riachão do Quilombo Kalunga.

Mas antes de eu apresentar este tão importante museu para a preservação da identidade, da memória e do patrimônio quilombola Kalunga é preciso apresentar a mulher quilombola Iaiá Procóbia.

Iaiá Procóbia na resistência e promoção da identidade Quilombola Kalunga

Iaiá Procóbia é Procóbia dos Santos Rosa, uma mulher que se destaca no quilombo, como uma figura que trilhou por caminhos de luta por seus companheiros e companheiras da comunidade e, inseriu-se desde a juventude na luta coletiva objetivando a equidade social e o fortalecimento do seu povo (Silva, 2019). É considerada, no momento, por uma boa parte de nós Kalunga, a matriarca da Comunidade Riachão pois mora na localidade desde o seu nascimento em 10 de fevereiro de 1933. Hoje, com 91 anos de idade é uma pessoa querida na comunidade é retratada como uma pessoa bondosa e harmoniosa que tem sempre a intenção de unir os moradores e sendo chamada, também como Mãe Procóbia (Souza, 2014).

Fundadora do Museu Iaiá Procóbia que constituiu uma forma de manter viva a cultura do nosso povo, como mentora e guardiã do patrimônio e memória na sua percepção de fazer museológico.

Em sua etnografia, Iaiá, remete seu pensamento à descrição de seu povo, sua fé e manifestações. Ela reside próximo aos filhos, Maria dos Santos, Manoel Pereira, Domingas dos Santos Fernandes e Léo Fernandes dos Santos, seus 12 netos, 60 bisnetos e mais de 15 tataranetos.

A sua casa (Figura 8), como as demais do quilombo, possui um quintal espaçoso, extenso e repleto de frutas dividido com toda a comunidade.

Figura 8: Casa de Iaiá Procópio



Fonte: Souza (2014, p. 42)

As lutas coletivas de Iaiá iniciaram-se com o primeiro Projeto da Comunidade denominado Povo da Terra, em 1980, juntamente com outras velhas lideranças que como ela, com conhecimentos empíricos e coragem de lutar abriram caminhos e conquistaram para seu povo liberdade e dignidade (Souza, 2024).

Mulher negra quilombola que milita na luta pelos direitos e equidade no quilombo e que através da história oral e testemunho, a, narra os percursos, que envolve desde o sofrido silêncio imposto, historicamente, desde a escravização, durante a colonização.

A partir da narrativa, demonstra a violência, a discriminação e as desigualdades não foram capazes de calar Iaiá, que nunca deixou de lutar por sua liberdade e, luta, atualmente, por igualdade e melhores condições de vida, organizando-se em movimentos sociais, onde veem enfrentando o racismo, o sexismo e outros tipos de discriminações, mas aos poucos vai conseguindo, como outras mulheres do quilombo, ter voz para vencer alguns obstáculos, lutando incansavelmente em prol dos direitos dos nossos povos. Diante disso, percebemos que é necessário promover ações voltadas para o fortalecimento, valorização dos saberes e fazeres tradicionais e o incentivo do protagonismo das mulheres remanescentes de quilombos.

Figura 9 : Deuzite e Iaiá cumprimento



Foto/ autoria: Deuzite Santiago da Cunha

Em relatos Iaiá conta que seus pais, avós e tataravós nasceram, viveram e morreram no Quilombo e, contaram para ela que seus familiares ancestrais também nasceram, viveram e morreram no Quilombo. Todas as gerações passaram por muitas dificuldades e sofrimentos.

No entanto, relatou que não há uma data exata da fundação, mas se sabe que existe a mais de 350 anos, e por muitos anos foi um lugar de esconderijo o qual foram reconstruídas novas vidas com heranças carregadas de histórias, lutas e sofrimentos. Hoje é um símbolo sagrado, de luta e superação e parte desse país que busca a equidade social, cultural, econômica para todos nós moradores. No Quilombo o crescimento da população se deu com as poucas famílias que existiam na época, não tínhamos muita interação com pessoas de fora, mas assim entre poucas pessoas se fixaram e reconstruíram novas vidas que hoje é o povo Kalunga.

Iaiá narra a que naquele tempo o trajeto era muito difícil, de modo que tudo era produzido, adquirido e resolvido sem ir às cidades. O sustento era tirado da roça de toco organizado pela agricultura familiar, as roupas produzidas de algodão fiada na mão e tecida no tear. Os nascimentos das crianças eram em casa com parteiras e os remédios caseiros feitos com as plantas medicinais.

Um das lutas enfrentadas pelos moradores das comunidades do Quilombo Kalunga, segundo Iaiá Procópio, desde o início da trajetória era a luta pela terra e pela

permanência nela. A falta de infraestrutura começando pelo acesso a estrada, educação escolar, moradias, as pessoas viviam com o isolamento e esquecimento governamental. As pessoas não tiveram oportunidades de acessar os direitos básicos, os benefícios e nem mesmo serem alfabetizados, tudo era difícil e quase sem oportunidades.

Iaiá Procópio, no auto dos seus 91 anos, possui uma carga de múltiplos letramentos memoriais. Narra sua história de vida e todo o processo de biointegração na formação do Território Kalunga. É importante ressaltar que a sua história de vida está internalizada no processo histórico do Quilombo e ambos se expandem ao mundo com veracidade com história partida do local para o global.

Em 2005, ela foi indicada ao Prêmio Nobel da Paz e concorreu com mil mulheres mundialmente, e foi uma das 52 mulheres brasileiras selecionada. A indicação ao prêmio foi concedida pelo reconhecimento às lutas e conquistas de Iaiá Procópio e outras lideranças em defesa dos direitos humanos e a permanência no Território. Em 2017, ela foi convidada a dar aulas no Encontro de Saberes realizado na Universidade de Brasília e em 07 de dezembro de 2022 recebeu o título de Doutora Honoris Causa da Universidade Estadual de Goiás – UEG. Título que foi entregue na própria comunidade e foi um marco histórico que reuniu aproximadamente duas mil pessoas e teve transmissão em diversas plataformas e rede sociais.

Narra Iaiá, conforme Souza (2024) que:

já morreu todo mundo da minha família, mas eu estou *pregistindo* com meus filhos e netos aqui. As nossas coisas foi sofridas demais, não tinha intimidade com cidade, ninguém ia na cidade. Dinheiro era difícil, nós vivia fiando, e indo pra roça - tudo produzia aqui.

Quando deu pra ir pra cidade era pra comprar sal, café e o metrinho de pano. E quem ia era os homens.

Olha, eu nasci aqui, mas fui criada na comunidade Kalunga São Pedro, porque a família de minha mãe era de lá. A velha Ana, minha tia, tudo morava lá, porque se casou da gente de lá!

Ser liderança, olha, por quê aconteceu isso comigo foi o milagre de São João Batista. Porque veio a Dona Meire no festejo da comunidade Sucuri, e com a chegada dela que começou o primeiro projeto Kalunga, que foi Povo da Terra. A primeira Associação com a representação na diretoria era Januário, Santina, Santos e demais lideranças (depoimento de Procópio a Souza, 2024, p. 77).

Museu Quilombola Iaiá Procópio como espaço de representação da cultura quilombola

Falando-se do lugar como um todo, “Eu sempre escutei que museu é onde se guarda coisa de morto. Pois o meu eu quero em vida, com tudo organizado do meu próprio gosto e jeito” (Weiss, 2020, p.33).

Figura 10: Deuzite e Iaiá no Museu



Foto/ autoria: Deuzite Santiago da Cunha

Para se construir uma narrativa sobre o Museu fez-se necessário a realização de pesquisas que fundamentassem a fala de Iaiá Procópia, o que para Britto (2019) é preciso reconhecer a existência poética interligada com a criatividade.

O Museu Iaiá Procópia foi idealizado e implementado por Iaiá Procópia dos Santos Rosa, juntamente com sua neta, a professora, mestra e poeta Lourdes Fernandes de Souza (Bia).

Inaugurado no ano de 2019 na Comunidade Riachão, ao lado de sua casa e feito com recursos próprios. Na inauguração, Iaiá Procópia verbalizou o sentimento em relação à criação do espaço, o qual já mencionado, mas que eu repito aqui: “Eu sempre escutei que museu é onde se guarda coisa de morto. Pois o meu eu quero em vida, com tudo organizado do meu próprio gosto e jeito” (Weiss, 2020).

O museu é cuidado, mantido e conservado por sua neta Bia que na mesma época, lançou o livro, o "Iaiá Procópia: memória e resistência Kalunga", em colaboração com o INCTI/UnB e a UFRJ, fruto de sua monografia de final do Curso de Educação no Campo (LEDOC).

O Museu Iaiá Procópia, como uma representação da cultura quilombola, foi criado com o intuito da garantia do reconhecimento do quilombo, que é um local de festa, de comemorações, de alegrias e principalmente para a preservação da memória coletiva.

O Museu se apresenta enquanto uma ferramenta de luta para preservar as

memórias silenciadas pela narrativa colonizadora, encontra-se localizado no centro da praça principal da comunidade Kalunga Riachão.

Figura 11: Museu Iaiá Procópia



Foto/ autoria: Deuzite Santiago da Cunha

O patrimônio e memória que estão preservados no Museu são acervos que foram constituídos a partir da percepção da fundadora, é uma pessoa de pensamento museológico, a partir do momento que cria um museu do zero e entende a importância de um espaço como esse para a preservação da nossa memória e cultura como quilombolas. E constrói o Museu como um espaço cultural, político e identitário, abrigando documentos e suas fotografias, bem como artesanatos e diversos objetos que contam a história e registram a sua memória, a memória da comunidade e a mantém viva.

O Museu Iaiá Procópia é identificado pelo povo da comunidade Riachão como um lugar sagrado, pois nele se conectam raízes históricas de nós quilombolas à realidade quilombola, a necessidade de evitar os silenciamentos e apagamentos da história sobre a resistência e existência das nossas comunidades. O museu tem a representação da cultura quilombola, a relevância da preservação da memória coletiva, a representação de épocas diferentes, a importância da memória individual e coletiva, a preservação e difusão do patrimônio e a pessoa que narra com a função de transmissor.

Em termos de resistência, o Museu caracteriza-se como um espaço que retrata a pertença do acervo juntamente com seu povo, que nos sensibiliza e nos faz ter a iniciativa em salvaguardar a memória coletiva, individual e social, originárias da história e dos princípios que fomentam os eventos ali existentes. A evolução dos museus como espaço de preservação cultural será sempre resistente, pois a intenção de reescrever remete a

mudanças (Reis, 2003).

Atualmente, o espaço tornou-se referência no Estado de Goiás, visto como uma nova concepção de museu social e quilombola, o qual mostra a preservação das nossas memórias que historicamente é pouco lembrada nos tradicionais locais de preservação cultural.

A importância da memória coletiva foi ideia da própria Iaiá, para dentre outros motivos, retratar a história e os valores em uma construção que demonstra a verdadeira experiência de museologia social, sem mesmo ter conhecimento sobre museologia de forma teórica.

No que diz respeito à preservação e difusão do patrimônio (pouco conhecido, porém rico em diversidades), o Museu Iaiá Procópio significa a representação de um discurso, o qual é composto de conceitos concebidos pela fundadora que expressa que faria o museu em vida, sendo criado por ela e não por outras pessoas. Esta realidade traduz-se, naquilo que o narrador faz, narrando a existência do local como próprio transmissor, ficando registrada a vivência e experiência para as novas gerações.

A comunidade tem orgulho em participar ativamente das festas e demais atividades existentes no museu.

Os objetos representam um passado, alguns não mais utilizados, mas que permanecem nas casas como lembrança dos antepassados que ali viveram, “Por exemplo, em casa pode haver um ferro de passar roupa que já não funciona mais, mas que pertenceu à bisavó, ou um brinquedo preferido da infância de alguém, guardado pelos pais como uma lembrança” (IPHAN, 2013, p.19). Percebe-se que objetos fazem parte da vida de quem ali viveu, significando “histórias, funções e com o passar do tempo de acordo com os usos dos objetos, alguns mudam de formato, outros se mantêm, ou até mesmo perdem sua característica original” (IPHAN, 2013, p.19).

O acervo apresenta objetos do em quantidade significativamente grande, como a chaleira de ferro que era utilizada para esquentar água e fazer chá com as ervas medicinais para minimizar as dores em diversas partes do corpo. Ferro de passar roupa esquentado com carvão. A botija de barro para armazenar água e mantê-la fresca, tendo em vista que a geladeira não era utilizada ou não existia. A xícara de barro é utilizada para tomar café, chá, caldos e bebidas quentes. Botijas de variadas formas e tamanhos para manter a água fresca. Pratos e pires de argila feitos pelos moradores. A cuia e a caneca de barro, utilizados no dia

a dia. A bolsa de palha, artesanato confeccionado pela própria comunidade utilizada para guardar itens pessoais. As panelas de barro utilizadas para cozinhar alimentos como peixe, verduras, arroz e tudo que é plantado e colhido na comunidade, expressando o cotidiano e similares utilizados ainda hoje. A variedade de produtos artesanais remete também aos ofícios e saberes produzidos no local.

Todos esses objetos, há anos, eram essenciais no dia a dia, e com o passar do tempo, foram sendo substituídos por utensílios mais novos, mas não deixaram de ser usados pelos mais velhos. O museu Iaiá Procópio possui peças que tem décadas sem valor de uso e outras com valor de uso, como instrumentos musicais utilizados nas apresentações que acontecem no museu.

Como mencionado anteriormente, eu sou uma mulher quilombola, nascida em 25/12/1996, no terreiro da minha casa debaixo de um pé de araquá. Minha infância foi absurdamente gostosa, e cresci aprendendo a lidar com a terra, comendo o que cultivávamos, subindo serras, me aventurando pelo rio, pescando. Quando fecho os olhos lembro que um dos momentos felizes é na época das folias, quando acontecem várias festas, com danças e rezas.

Assim, quando conheci o Museu Iaiá Procópio foi amor à primeira vista, pois pertencente à Comunidade Saco Grande do Quilombo Kalunga, bem próxima à Comunidade do Riachão.

Proximidade de vida e de identificação com os patrimônios e as memórias apresentadas no museu e esta foi a inspiração para fazer esta investigação.

O museu fica no terreiro de Iaiá, literalmente ao lado de sua casa. Ela foi a responsável pela construção do espaço que é feito de adobe e palha. Adobe fabricado manualmente na comunidade e construído em mutirão com a comunidade, levantando as paredes e assentando o teto de palhas por dentro tem a coleção de objetos localizados no alicerce alto no canto da casa de fora afora, objetos todos etiquetados, o chão de terra batida e as paredes rebocadas com barro.

A construção que abriga o museu chama a atenção, logo na entrada no terreiro da comunidade, pois há um pintura na parede da frente com o rosto de Iaiá Procópio (veja figura nº 9).

Figura 12: Entrada do Museu Iaiá Procópia



Foto/ autoria: Deuzite Santiago da Cunha

O estudo de Barros (2019, p. 143) também, citado por Britto (2019, p. 11) afirma que “criar começa na própria ignorância”. “É preciso ignorar para fazer nascimentos”. Assim, apesar de seu pouco estudo formal, Iaiá Procópia possui um pensar museológico, que segundo Britto (2019) configura que “o pensar museologicamente valoriza a diversidade de experiências na realidade brasileira” (Britto, 2019, p. 12). Percebe-se que ela traz instintos para o seu museu, que está conforme as exposições museológicas como um espaço de ficção, um ambiente que reconhece a política de interação que gira em torno do gesto criativo. (Brito, 2019).

Os museus e os patrimônios consistem em mecanismos narrativos de histórias que se tem para contar acerca de grupos, os quais devem possuir olhares compassivos com os objetos que os compõem, como os utensílios musealizados no patrimônio da história local (CHAGAS, 2006), ²⁰o que podemos identificar a seguir

²⁰ CHAGAS, M.. **Há uma gota de sangue em cada museu:** a ótica museológica de Mário de Andrade. Chapecó, SC: Argos. 2006

Figura 13: Parte interna do museu com a exposição



Figura 14: Pannelas de barro.



Foto/ autoria: Deuzite Santiago da Cunha

Ressalta o IPHAN (2013, p. 19) que: “Objetos são todos os bens que podem ser deslocados de um lugar para outro, e que fazem parte das vidas dos povos e também tem suas histórias, por esses atos são conhecidos como bens móveis” No museu Iaiá Procópio os objetos musealizados estão presentes no cotidiano familiar das pessoas da comunidade.

Os objetos são parte das raízes culturais, mesmo sem utilidades, permanecem nas casas como lembrança do povo que ali viveu, “por exemplo, em casa pode haver um ferro de passar roupa que já não funciona mais, mas que pertenceu à bisavó, ou um brinquedo

preferido da infância de alguém, guardado pelos pais como uma lembrança (IPHAN, 2013, p.19)”. Percebe-se que os objetos fazem parte da vida de quem ali viveu, significando “histórias, funções e com o passar do tempo, de acordo com os usos dos objetos, alguns mudam de formato, outros se mantêm, ou até mesmo perdem sua característica original” (IPHAN, 2013, p.19).

O acervo do museu é grande, contendo objetos diversos como chaleira de ferro (figura 15) Ferro de passar roupa (a carvão) (figura 16), A botija (figura 17). A panela de barro (figura 14),O prato e pires (figura 22). A caneca de barro (figura 24). Vê-se também outro tipo de botija de barro para água (figura 19). Todos esses objetos, há anos eram essenciais no dia a dia, e com o passar do tempo, foram sendo substituídos por utensílios mais novos, mas não deixaram de ser usados por muitos membros na comunidade.

Figura 15: Chaleira de ferro



Figura 16: Ferro de passar roupa (a carvão)



Foto/ autoria: Deuzite Santiago da Cunha

Figura 17: Botija com coração



Figura 18: Xícara de barro



Foto/ autoria: Deuzite Santiago da Cunha

Figura 19: Botija para tirar agua com copo



Foto/ autoria: Deuzite Santiago da Cunha

Figura 21: Jacá



Foto/ autoria: Deuzite Santiago da Cunha

Figura 23: Cuia de barro



Foto/ autoria: Deuzite Santiago da Cunha

Figura 20: Panela de barro



Figura 22: Prato e pires



Figura 24: Caneca de barro



Este museu não é a única experiência museu quilombola, mas Britto (2019, p.23) afirma que a resistência/o indisciplinação “se traduz na disseminação de diferentes experiências e reflexões socio museológicas, na implementação da Política Nacional de Museus e ações como a criação do Programa Pontos de Memória, a realização de cursos, publicações e projetos”. As discussões em torno da resistência/indisciplinação remetem a aproximação de propostas museológicas comunitárias que impactam “o espaço do que se convencionou designar de Museologias Indisciplinadas” (Britto, 2019).

Figura 25: Parte interna do Museu



Foto/ autoria: Deuzite Santiago da Cunha

Para entender as estratégias que giram entorno de tal indisciplinação, Britto (2019) consultou redes de Museologia Social no Brasil, buscando a compreensão de estratégias de articulação, o que foi possível a aproximação de temáticas que incluíam as “propostas museológicas comunitárias e das redes temáticas que impactaram e ainda impactam o espaço do que se convencionou designar de Museologias Indisciplinadas” (Britto, 2019, p.27).

Os artesanatos e utensílios feitos de barro conforme (figuras n.º14 a 24) são produzidos pelos próprios Kalungas que fazem também artefatos de couros, cerâmica e tecelagem. Tão importantes quanto estes itens são as suas festas e comemorações que reúnem famílias, diversões culturais, crenças, danças como Sussa, Bolé, (Souza, 2014).No museu é possível receber visitantes, os quais poderão apreciar os objetos mencionados e ainda uma cama de madeira e couro, bem como assistir à apresentação da dança da sussa pelos filhos e filhas, netos, netas, bisnetos e tataranetos de Iaiá e desfrutar dos demais eventos aqui já mencionados no decorrer deste estudo.

Nas visitas é possível observar a educação museal quilombola do Museu, ocorreu a observação participativa, foi preciso atentar-me para o aspecto ético em do si, e para o

perfil das relações sociais, ao lado das tradições e dos costumes, o tom e a importância atribuídos, as ideias, as motivações e os sentimentos do grupo que ali residia e dos que ali estavam.

Durante o período da pesquisa tive a oportunidade de observar e participar de uma visita ao Museu com os professores e universitários dos cursos Museologia, Biblioteconomia e Arquivologia da FCI da UnB. O motivo da visita ao Museu, se deu por estarmos cursando Museologia, o que acrescentou bastante conhecimento sobre museu comunitário e diferentes tipos de museus, visualmente falando. A visita foi organizada devido ao interesse que surgiu durante uma aula de MC3- Museologia e Comunicação. A professora Marijara, durante algumas aulas de MC3 em junho de 2022, conversou comigo sobre a possibilidade de irmos até o Museu no semestre posterior, a turma ficou interessada, então, começamos a organizar e planejar, assim, concretizou-se a ideia de visitar Museu Iaiá Procópia.

No dia da visita ao museu, a turma foi dividida em duas vans e durante o percurso vi muitos olhares de medo por conta das estradas que estavam muito ruins. Chegamos no museu por volta das 12h, todos os visitantes se acomodaram na parte de fora da casa de Iaiá, a qual nos recebeu, e todos ficaram ao redor dela e alguns fazendo perguntas, porém ela afirmava que não se lembrava de muita coisa e a cabeça não estava boa, a Professora Deborah Santos, se sentou do lado de Iaiá e conduziu alguns diálogos. Minutos depois fomos conduzidos para o Museu por , Iaiá juntamente com a sua neta Lourdes. Quando entramos, não pude deixar de reparar os diversos olhares, uns que ficaram maravilhados com aquele espaço e com uma infinidade de objetos ali expostos, outros com olhar de estranhamento, que não reconhecia quase nenhum objeto. O olhar mais emblemático, foi de um colega em específico, que tinha um olhar que dizia que aquele não era o tipo de museu que estava acostumada a visitar, como os de Brasília, que continha piso de cerâmica, peças penduradas em uma parede ou acomodado de uma maneira X. Durante a visita ao museu, ouvi comentários, como, “uau, os objetos estão etiquetados devidamente com os seus respectivos nomes” os objetos, podiam ser manuseados, alguns estudantes interagiram com alguns objetos. Enquanto a visita acontecia, iaiá, estava sentada em uma poltrona dentro do museu, ela tem dificuldades para andar e não conseguia ficar muito tempo em pé, alguns alunos sentaram do lado dela e pediram fotos, outros puxavam assunto.

Quando todos conseguiram transitar pelo museu e observar cada objeto, houve a realização de uma apresentação da Dança Sussa dentro Museu Iaiá Procópia, com a

participação de algumas crianças dançarinas de Sussa, e dos adultos que tocavam os instrumentos. A dança sussa é reconhecida como um patrimônio imaterial. Eu tive que sair do quilombo para hoje conhecendo outras realidades, ver o quão grandioso são os meus costumes, bendito seja o quilombo onde eu nasci, desde pequena fui cercada por pessoas boas, pessoas que me ensinaram sobre humanidade e a real riqueza da vida. A visita foi incrível, quando terminamos a visita fomos almoçar, como já sabiam da nossa visita, tinham preparado bastante comida caseira.

Figura 26: Estudantes e crianças ouvindo as explicações da Lourdes



Figura 27: Lourdes (neta da Iaiá)



Foto/ autoria: Deuzite Santiago da Cunha

Explicações sobre os remédios naturais

Durante as visitas à neta da Mãe Iaiá (figura n.º 27 e 28) Lourdes falava da sua trajetória como mestranda no RJ, leu um poema de sua autoria e contou sobre o museu. Falou também sobre os remédios naturais para determinadas enfermidades. Sabe-se que a transmissão de saberes e traços das raízes culturais constituem-se em ensinamento para que não se perca a história (IPHAN, 2013).

Percebi que, diante de alguns olhares, os estudantes não tinham noção que museu não é apenas “tradicional” que se tem em cidades grandes, que o da Iaiá, é tão museu quanto qualquer outro museu no mundo. Tenho certeza que hoje, quando ouvirem a palavra MUSEU, não vão imaginar apenas os famosos, como se vê em fotografias. Quanto aos eventos ocorridos no local, há um educativo do museu, que é promover passeios das escolas das comunidades para o museu, para que os alunos mais jovens tenham contato com o que eram usados antes, buscando a preservação das raízes. Não há atendimento médico no local, nem mesmo postos de saúde, em casos de doenças na comunidade, o paciente deverá se dirigir para o Município mais próximo que é o de Monte Alegre de

Goiás.

A intenção de criação do museu foi para a preservação das raízes, para que as novas gerações conheçam como as coisas funcionavam antes dos avanços que temos hoje. A relação das comunidades com o museu é de lembrar seus ancestrais diante daqueles objetos que se sentem pertencentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi possível observar no decorrer deste trabalho, as grandes celebrações e histórias presentes no Museu Iaiá Procópio, inaugurado em 2019, retratam vidas e uma cultura que perpassa 300 anos, expondo que a tradição da comunidade se perpetua remetendo à resistência e preservação patrimonial da história do Kalunga.

Minha primeira visita ao local, em meados de 2020, trouxe à tona uma profunda sensação de nostalgia. Sendo quilombola e tendo nascido e crescido na comunidade Kalunga, quando me mudei para Brasília no final da minha adolescência, senti uma falta imensa das vivências, da minha casa, dos objetos que me cercavam e da liberdade que tinha na comunidade.

Após alguns anos, retornando durante o período das férias ao quilombo, percebi que muitos dos objetos que fizeram parte do meu cotidiano, que eu havia usado desde a infância, já não eram mais comuns na vida das pessoas, à medida que o tempo passava. Assim, quando entrei no museu pela primeira vez, uma onda de lembranças me invadiu ao deparar com itens como lamparinas, quibanos, botijas, e as panelas de barro utilizadas no fogão a lenha, a presença do cacho amarelinho de arroz, entre outros objetos, revisitou uma infinidade de memórias que marcaram minha vida.

Em um instante, fui teletransportada para o tempo em que morava lá. Consegui reviver o cheiro da terra molhada após a chuva, as noites de pesca com minha avó, as rezas no terreiro sob um céu repleto de estrelas, com várias lamparinas iluminando o terreiro ao nosso redor. Senti novamente o gosto da comida preparada no fogão a lenha e as lembranças das grandes coletas de arroz, em uma roça imensa que se estendia por quilômetros, repleta de cachinhos dourados de arroz.

A definição do tema do meu trabalho de conclusão de curso se concretizou definitivamente durante a visita técnica realizada com meus colegas e professores da Faculdade de Ciência da Informação. Foi nesse momento que percebi a importância do Museu Iaiá Procópio como um/meu objeto de estudo. O desejo de explorar a museologia social, ganhou força e clareza naquela visita de extensão.

Nela ficou claro para mim que a história do quilombo Kalunga e a relação deste com a museologia merecem ser contadas e amplamente divulgadas. Um desejo é que mais pessoas

deveriam conhecer a relevância desse museu, que é uma prática vital para a preservação da memória e da identidade das comunidades.

Investigar o Museu Iaiá Procópio é, de certa forma, fazer uma viagem ao meu passado. É uma oportunidade de contar a história dos meus avós, dos meus pais e de compartilhar as narrativas da minha comunidade de diversas maneiras. Como disse a ativista e escritora Conceição Evaristo, “memória é uma forma de resistência” e esse museu se torna um espaço sagrado onde a memória coletiva e individual são preservadas. Ao explorar o acervo, não apenas reavivamos nossas lembranças pessoais, mas também reconhecemos a importância de manter viva a história que nos molda. Essa conexão com o passado é fundamental para entendermos quem somos e qual o nosso lugar na sociedade.

Assim, o museu não é apenas um espaço expositivo, é um testemunho vibrante da resistência e da cultura de um povo que, apesar das adversidades, continuamos a celebrar nossas raízes e as nossas tradições. Ele nos convida a refletir sobre a importância de preservar a nossa identidade e a história que nos une, permitindo que as novas gerações também possam se conectar com suas origens.

A investigação do Museu Iaiá Procópio diante do papel de preservação da memória quilombola da comunidade Kalunga - Riachão em Monte Alegre/GO se deu mostrando que neste território reside a resistência, dentro do espaço verifica-se a pertença, um patrimônio cultural que reuni infinitos acervos e objetos que retratam a história local, desde as raízes dos primeiros quilombolas. O acervo que possuímos é uma herança valiosa, resultado de um legado deixado por nossos ancestrais. Essa herança não é apenas um conjunto de objetos ou documentos; é um testemunho palpável da história que nos une. Através dela, conseguimos estabelecer uma conexão profunda entre os membros da nossa comunidade, uma ligação que transcende o tempo e as gerações.

Cada item desse acervo carrega consigo não apenas a sua própria história, mas também a narrativa do nosso povo que, ao longo dos anos, enfrentou desafios, celebrou conquistas e construiu uma identidade rica e multifacetada. É um patrimônio que nos fala sobre as vivências de nossos antepassados, nossas tradições, nossas lutas e nossas vitórias.

A memória coletiva que emana desse acervo permite que cada um de nós se sinta parte de algo maior, uma teia de relações que nos liga e nos define. Essa pertença é vital, pois, ao reconhecer e valorizar a história que nos precede, conseguimos entender melhor quem somos e qual o nosso lugar no mundo. Além disso, ao resgatar e compartilhar essa herança,

fortalecemos os laços comunitários e promovemos um sentimento de unidade e solidariedade. Por meio de eventos, exposições e narrativas, podemos recontar nossas histórias, perpetuando a memória de nosso povo que, mesmo diante das adversidades, se mantém firme em suas raízes.

Em resumo, como podemos observar da página 61 a 64, nosso acervo é muito mais do que uma simples coleção de itens; é a essência da nossa identidade, um reflexo das experiências que moldaram nossa comunidade, sendo um convite para que todos nós continuemos a preservar e celebrar essa rica história, assegurando que as futuras gerações também possam sentir a mesma conexão e pertencimento que sentimos hoje.

É fundamental que as histórias que carregamos, as vivências de nossas comunidades, sejam documentadas e valorizadas. Ao pensar sobre isso, percebo que desejo que as futuras gerações de pesquisadores que precisem estudar sobre quilombos, e em especial sobre o Kalunga, encontrem um corpo robusto de trabalhos científicos elaborados por nós, os próprios quilombolas. A produção de conhecimento deve ser uma via de mão dupla, onde as vozes da comunidade são ouvidas e respeitadas.

Acredito que a criação de mais trabalhos em diversas áreas é crucial. A museologia pode oferecer percepções não apenas sobre a preservação da cultura, mas também sobre a luta por direitos, o fortalecimento da identidade e a resistência cultural. Como bem disse a pesquisadora e ativista negra, Sueli Carneiro: “O conhecimento é uma forma de empoderamento.” Quando conseguimos produzir e compartilhar nosso próprio conhecimento, estamos empoderando nossa comunidade e assegurando que nossas histórias e vivências sejam parte do discurso acadêmico e cultural mais amplo.

É necessário, portanto, fomentar um ambiente de pesquisa que valorize a experiência vivida das comunidades quilombolas, permitindo que essas narrativas se tornem centrais no campo acadêmico. Isso não apenas enriquecerá o conhecimento sobre a cultura quilombola, mas também contribuirá para a formação de um panorama mais diversificado e inclusivo na academia.

A museologia, como campo de estudo, possui um papel transformador. Ela pode atuar como um espaço de resistência, onde se preserva a memória coletiva e se celebra a cultura afro-brasileira. Assim, ao me dedicar a este tema, espero não só contar minha história e a da minha comunidade, mas também abrir caminho para que outros possam fazer o mesmo. Juntos,

podemos contribuir para um futuro em que as vozes quilombolas sejam respeitadas e suas histórias contadas com a dignidade que merecem.

Portanto, o intuito da criação do Museu Iaiá Procópio foi garantir que a história do quilombo fosse contada e retratada em vida, por nós mesmos, os protagonistas de nossas narrativas. Essa iniciativa visa assegurar o reconhecimento do quilombo, de seu território e de suas múltiplas memórias, que são fundamentais e devem ser preservadas. A memória é um elemento essencial de nossa identidade e carrega significados que não devem ser esquecidos, mas, ao contrário, devem ser cuidadosamente resguardados e valorizados.

Através das memórias conseguimos estabelecer conexões com nosso passado, reconhecer nossas lutas e celebrar nossas conquistas. A criação do museu serve como um espaço onde essas memórias são não apenas armazenadas, mas também vividas e compartilhadas, permitindo que cada visitante se aproprie das histórias que ali estão.

Essa realidade se traduz na narrativa daqueles que viveram essas histórias, transformando-os em transmissores de conhecimento e cultura para as gerações seguintes. O Museu Iaiá Procópio não é apenas um espaço de exposição, mas um lugar de memória viva, onde a história do quilombo Kalunga é celebrada e onde cada objeto e relato ecoa a vida de nossos antepassados e do nosso passado. Ao preservar essas memórias, estamos não só honrando o passado, mas também construindo um futuro.

É imprescindível que as próximas gerações tenham acesso a esse conhecimento e que suas experiências sejam refletidas na produção acadêmica e cultural. O fortalecimento da museologia, como campo de estudo, é essencial para garantir que nossas vozes sejam ouvidas e que nossas memórias sejam valorizadas. Como bem lembrou a pesquisadora Lélia Gonzalez, “a luta pela identidade é uma luta por reconhecimento”.

Dessa forma, ao promover a preservação e a contação de nossas histórias, o Museu Iaiá Procópio se torna um farol de resistência, uma celebração da cultura quilombola e um espaço de empoderamento para nossa comunidade. É também um convite para que todos possam refletir sobre a importância da memória e da identidade. Assim, o Museu Iaiá Procópio representa um estímulo poderoso para a construção de um "museu em vida", que transcende os conceitos e discursos frequentemente associados ao tradicional. Ele é um espaço dinâmico que celebra a cultura local, refletindo as experiências e as vivências das comunidades quilombolas de forma autêntica e representativa.

Ademais, é fundamental que cumpramos a tarefa de reconhecimento e ressignificação das narrativas quilombolas. Como ressaltou a escritora e pesquisadora Djamilia Ribeiro, “o lugar de fala é um espaço que devemos reivindicar”. Essa valorização é essencial não apenas para a preservação da cultura, mas também para a formação integral do ser humano, que se enriquece ao ter acesso a diferentes histórias e perspectivas

A memória coletiva e individual é um patrimônio precioso que molda nossa identidade e nos conecta às nossas raízes. Ao promover um espaço onde essas memórias possam ser compartilhadas e vividas, o Museu Iaiá Procópio fortalece o vínculo entre as gerações, permitindo que as experiências do passado sirvam de guia para o futuro. Abdias do Nascimento destacou que “a memória é um dos pilares da cultura,” e isso é especialmente verdadeiro no contexto quilombola, onde as histórias de luta, resistência e celebração estão entrelaçadas.

Esse museu não apenas preserva o passado, mas também o ressignifica, permitindo que as novas gerações se apropriem de suas histórias. O papel do museu se torna, portanto, um convite à reflexão. Como nos lembrou a poetisa Conceição Evaristo, “é através da palavra que podemos libertar nossas memórias.” O Museu Iaiá Procópio se torna, assim, um espaço onde a palavra e a memória se encontram para celebrar a rica herança cultural das comunidades quilombolas.

Por meio de suas exposições e atividades, o museu não só documenta o passado, mas também inspira o presente, incentivando o envolvimento da comunidade em processos de criação e valorização cultural. Ele se estabelece como um ponto de encontro, um local onde as histórias são não apenas contadas, mas vividas, permitindo que cada visitante sinta de uma maneira.

Em suma, o Museu Iaiá Procópio é um espaço de resistência e afirmação. Ele reafirma a importância da memória e do reconhecimento na formação da identidade, contribuindo para um mundo onde todas as vozes sejam ouvidas e respeitadas. Ao nutrir a cultura local e as histórias de nossos antepassados, estamos construindo um legado que se estende muito além de suas paredes.

Nesse sentido, o museu propõe um novo olhar que desafia as concepções tradicionais de museologia. Através de suas exposições e práticas, o museu não apenas preserva memórias, mas também ressignifica experiências. Ele promove um ambiente onde os visitantes podem se envolver ativamente, interpretando e sentindo a cultura quilombola. O educador Paulo Freire

nos ensina que “a educação deve ser um ato de conhecimento, mas também um ato de amor e de luta”. Portanto, ao criar um espaço de aprendizado e empoderamento, o museu não só educa, mas também fomenta um sentimento de pertencimento e responsabilidade entre as gerações.

O museu em estudo nos convida a uma profunda reflexão crítica sobre os papéis dos protagonistas que compõem a história de luta do nosso povo. Ele nos leva a apreciar a importância dessas narrativas, destacando a relevância de quem viveu e continua a viver essa história. Ao apresentar uma abordagem inovadora sobre o ver, fazer, ser, interpretar, sentir, construir e reconstruir, o museu se torna um espaço vital de reconhecimento e valorização da cultura quilombola.

Figura 28: Os universitários presentes na visita ao Museu



Foto/ autoria: Deuzite Santiago da Cunha

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, A.W.B de. **Quilombos e as novas etnias**. UEA Edições, editor. Manaus, AM; 2011.
- ALMEIDA, Maria Geralda. **O território e a comunidade Kalunga: quilombolas em diversos olhares**. Goiânia: Gráfica UFG. 2015. 329p.:il.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm> Acesso em: Out. 2023.
- _____. CONVENÇÃO 169/1989 da OIT sobre Povos Indígenas e Tribais <<https://www.oas.org/dil/port/1989%20Conven%C3%A7%C3%A3o%20sobre%20Povos%20Ind%C3%ADgenas%20e%20Tribais%20Conven%C3%A7%C3%A3o%20OIT%20n%C2%BA%20169.pdf>>
- _____. **DECRETO Nº. 4.887/2003** - Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. **Disponível em:** <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm> Acesso em: 05 nov. 2023.
- _____. Lei nº 11.409, de 21 de janeiro de 1991. Disponível em: <<https://legisla.casacivil.go.gov.br/api/v2/pesquisa/legislacoes/84176/pdf>> Acesso em: 04 nov. 2023.
- BRITTO. Clovis de Carvalho. **“Nossa maçã é que come Eva”**: a poética de Manoel de Barros e os lugares epistêmicos das museologias indisciplinadas no Brasil. 2019 Universidade Brasília – UnB. Disponível em: <https://www.museologia-portugal.net/files/upload/doutoramentos/tese_clovis_britto.pdf> Acesso em: 10 out. 2023.
- CHAGAS, M.S. **Há uma gota de sangue em cada museu**: a ótica museológica de Mário de Andrade. Chapecó, SC: Argos. 2006.
- _____; STORINO, Claudia M. P. **Os museus são bons para pensar, sentir e agir**. In: MUSAS: Revista brasileira de museus e museologia - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Departamento de Museus e Centros Culturais. nº 3. 2007.
- COSTA, Vilmar Souza. **A luta pelo território**: histórias e memórias do povo Kalunga. 2013. 75 f., il. Monografia (Licenciatura em Educação do Campo) -Universidade de Brasília, Planaltina-DF, 2013.
- FIABANI, A. **Os Novos Quilombos**: Luta pela terra e afirmação étnica no Brasil [1988-2008]. 2008;275.
- FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Quilombolas Kalunga lutam por direitos, reconhecimento de seu território tradicional, e contra invasões, grilagem e exploração sexual de crianças de jovens**. Disponível em: <<https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/go-comunidade-kalunga-quilombolas>>

ainda-e m-busca-da-titulacao-plena-e-da-reconquista-de-suas-terras/ >

FREITAS, KELLY AMARAL DE. **As forças culturais do Museu de Quilombos e Favelas Urbanos e o poder de ressonância nos objetos biográficos** /2016 182 f. Disponível em:

<<https://docplayer.com.br/70398061-Universidade-do-estado-de-minas-gerais.html>>
Acesso em: 05 dez. 2023.

GOMES, R.P. **Constitucionalismo e quilombos: famílias negras no enfrentamento ao racismo de Estado**. Lumen Juris, editor. Rio de Janeiro; 2019. 296 p.

Google Maps 2023. **Monte Alegre de Goiás**. Disponível em:

<<https://www.google.com/maps/@-13.5969177,-47.6208615,9z?entry=ttu>>

IBGE 2022 – Monte Alegre de Goiás. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/monte-alegre-de-goias/panorama>> Acesso em: 08 de out. 2023.

LIMA, Luana Nunes Martins de. **A identidade territorial Kalunga e perspectivas para o desenvolvimento do turismo nas comunidades Diadema e Ribeirão**. In: *Revista Territorial*

- Goiás, v.1,n.1, p.88-111, jul./dez. 2012. Disponível em:

<<http://www.prp.ueg.br/revista/index.php/territorial/article/view/1172>>. Acesso em: 08 dez. 2022.

Mapa de Conflitos: Injustiça Ambiental e saúde no Brasil. 2023. Disponível em: <[https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/go-comunidade-kalunga-quilombolas-ainda-e m-busca-da-titulacao-plena-e-da-reconquista-de-suas-terras/#:~:text=Hoje%2C%20no%20S%C3%ADtio%20Hist%C3%B3rico%20e,7.500%20quilombolas%2C%20em%2039%20com unidades.](https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/go-comunidade-kalunga-quilombolas-ainda-e-m-busca-da-titulacao-plena-e-da-reconquista-de-suas-terras/#:~:text=Hoje%2C%20no%20S%C3%ADtio%20Hist%C3%B3rico%20e,7.500%20quilombolas%2C%20em%2039%20com%20unidades.)> Acesso em: Out. 2023.

MARTINS, Luciana Conceição de Almeida; MATTA, Alfredo Eurico Rodrigues. **História pública de resistência quilombola: conexões e potencialidades do museu virtual em 3D do Quilombo do Cabula aplicado ao ensino de História**. *Revista História Hoje*, v. 10, nº 19, p. 161-179 - 2021. Disponível em: < <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/739/389>>. Acesso em: 06 dez. 2022.

MUNANGA. Kabengele. **História do Negro no Brasil**. Volume I. 2004. MOURA Glória Quilombos contemporâneos no Brasil.

NASCIMENTO, B. **O conceito de quilombo e a resistência cultural negra** • Psicologia & Sociedade [Internet]. 2014;44–52. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822014000100006&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: Out. 2023.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos**. Organizador Alex Ratts. Rio de Janeiro: Zahar. 2021.

OIT. Convenção n° 169. **sobre povos indígenas e tribais e Resolução referente à ação da OIT.** 2011. Disponível em: <
IPHAN.

http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Convencao_169_OIT.pdf> Acesso em: Out. 2023.

ÔRÍ. Direção de Raquel Gerber. Intérpretes: Beatriz Nascimento. 1989. 91 min. Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=y20K-0UBOUA>> Acesso em: Jul. 2023.

QUEIROZ. Danielle Teixeira; VALL Janaina; SOUZA, Ângela Maria Alves e; VIEIRAN, Neiva Francenely Cunha. **Observação participante na pesquisa qualitativa:** conceitos e aplicações na área da saúde. R Enferm UERJ, Rio de Janeiro, 2007 abr/jun; 15(2):276-83.

REIS. João José. **Quilombos e revoltas escravas no Brasil.** “Nos achamos em campo a tratar da liberdade” Revista USP – São Paulo (28) 14-39 Dezembro/Fevereiro 1996.

Disponível em:

< <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/28362/30220>>

_____. **As identidades do Brasil:** de Varnhagen a FHC. 6. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Invasão e colonização.** In: Colonização, quilombos - modos e Significações. Brasília: INCTI/UnB, 2015. (Cap 1). Disponível em:

<[http://cga.libertar.org/wp-content/uploads/2017/07/BISPO-Antonio.-](http://cga.libertar.org/wp-content/uploads/2017/07/BISPO-Antonio.-Colonizacao_Quilombo_s.pdf)

[Colonizacao_Quilombo s.pdf](http://cga.libertar.org/wp-content/uploads/2017/07/BISPO-Antonio.-Colonizacao_Quilombo_s.pdf)> Acesso em: 09 dez. 2022.

SANTOS, Deborah Silva. Espaço de Memória Quilombo Mesquita. *In.:* **Museologia e Africanidades:** Experiências museológicas de mulheres negras em museus afro-brasileiros. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração Departamento de Museologia, Lisboa, 2021. Disponível em:

<[https://recil.ensinolusofona.pt/bitstream/10437/11990/1/tese%20final%20com%20j](https://recil.ensinolusofona.pt/bitstream/10437/11990/1/tese%20final%20com%20j%C3%B9ri%20Deborah%20Santos.pdf)

[%C3%B9ri%20Deborah%20Santos.pdf](https://recil.ensinolusofona.pt/bitstream/10437/11990/1/tese%20final%20com%20j%C3%B9ri%20Deborah%20Santos.pdf)>. Acesso em: 09 dez. 2022.

SIQUEIRA, Ana Paula dos Santos. **Conflitos fundiários e as repercussões na saúde das lideranças Quilombolas.** Brasília, 2021. 173 f.

SOUZA. Lurdes Fernandes de. **Letramento e História de Vida:** as Memórias de Procópio Dos Santos Rosa da Comunidade Kalunga-Riachão Monte Alegre – GO. Planaltina DF: 2014. Disponível em: < > Acesso em: out. 2023.

SOUZA, Bárbara Oliveira. **Aquilombar-se Panorama histórico e Político do Movimento Quilombola brasileiro.** 2008. Disponível

em:

<http://icts.unb.br/jspui/bitstream/10482/2130/1/2008_BarbaraOliveiraSouza.pdf>

WEISS. Zezé. **Museu iaia Procópio:** tesouro Kalunga na comunidade do Riachão. 20/02/2020. Disponível

em:

<

=%E2%80%9CEu%20sempre%20escutei%20que%20museu,pr%C3%B3prio%20museu
%2C
%20na%20comunidade%20Riach%C3%A3o.> Acesso em: 20 Ago. 2023.